



UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS
CÂMPUS DE ARAGUAÍNA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS: ENSINO DE LINGUÍSTICA E LITERATURA
(PPGLLIT)

ALEXANDRE DA SILVA DE MELO

**ROTEIROS DE ESTUDO DA DISCIPLINA DE LÍNGUA PORTUGUESA NO
ENSINO FUNDAMENTAL II: ANÁLISE DAS ATIVIDADES RELACIONADAS AO
NÍVEL LEXICAL DA LÍNGUA E AO USO DO DICIONÁRIO**

ARAGUAÍNA/TO
2023

ALEXANDRE DA SILVA DE MELO

**ROTEIROS DE ESTUDO DA DISCIPLINA DE LÍNGUA PORTUGUESA NO
ENSINO FUNDAMENTAL II: ANÁLISE DAS ATIVIDADES RELACIONADAS AO
NÍVEL LEXICAL DA LÍNGUA E AO USO DO DICIONÁRIO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Ensino de Linguística e Literatura da Universidade Federal do Norte do Tocantins (PPGLIT/UFNT), campus de Araguaína, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras: Ensino de Linguística e Literatura.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ana Claudia Castiglioni

ARAGUAÍNA/TO
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- D229r da Silva de Melo, Alexandre.
ROTEIROS DE ESTUDO DA DISCIPLINA DE LÍNGUA PORTUGUESA
NO ENSINO FUNDAMENTAL II: ANÁLISE DAS ATIVIDADES
RELACIONADAS AO NÍVEL LEXICAL DA LÍNGUA E AO USO DO
DICIONÁRIO. / Alexandre da Silva de Melo. – Araguaína, TO, 2023.
77 f.
Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins
– Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de Pós-Graduação (Mestrado)
em Letras Ensino de Língua e Literatura, 2023.
Orientador: Ana Claudia Castiglioni
1. CAPÍTULO 1 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA. 2. CAPÍTULO 2 -
PNLD 2012 DICIONÁRIO E O ENSINO EM SALA DE AULA. 3. CAPÍTULO 3
- METODOLOGIA. 4. CAPÍTULO 4 - ANÁLISE DOS DADOS E
RESULTADOS. I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica de UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

ALEXANDRE DA SILVA DE MELO

**ROTEIROS DE ESTUDO DA DISCIPLINA DE LÍNGUA PORTUGUESA NO
ENSINO FUNDAMENTAL II: ANÁLISE DAS ATIVIDADES RELACIONADAS AO
NÍVEL LEXICAL DA LÍNGUA E AO USO DO DICIONÁRIO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Ensino de Linguística e Literatura. Foi avaliada para obtenção do título de Mestre em Letras e aprovada em sua forma final pelo orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 13/10/2023

Banca Examinadora

Documento assinado digitalmente

gov.br

ANA CLAUDIA CASTIGLIONI

Data: 13/10/2023 17:19:08-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^ª. Dr^ª. Ana Claudia Castiglioni (UFNT)
Orientadora

Documento assinado digitalmente

gov.br

MARIA CELIA DIAS DE CASTRO

Data: 15/10/2023 12:02:44-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^ª. Dr^ª. Maria Célia Dias de Castro (UEMA)
Membro externo

Documento assinado digitalmente

gov.br

KARYLLEILA DOS SANTOS ANDRADE KLINGER

Data: 15/10/2023 19:28:00-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^ª. Dr^ª. Karylleila dos Santos Andrade (UFT)
Membro interno

ARAGUAÍNA/TO
2023

*À minha querida Orientadora, Prof^a Dr^a Ana
Claudia Castiglioni, com a qual dividi
angústias e preocupações ao longo da árdua
trajetória.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço, imensamente, à minha mãe Silvany por sempre ter investido na minha educação, sem ela, não seria possível a realização deste lindo sonho de tornar-me Mestre. Aos queridos colegas de Araguaína- TO, Jéssika e Luís Eduardo, com os quais dividi alegrias e tristezas durante o percurso e me fortaleceram quando surgiram desafios.

À minha querida orientadora, Ana Cláudia Castiglioni, pela forma de tratamento, sempre bem solícita e atenciosa, por ter me trazido até aqui e não ter desistido de mim. Gratidão.

À UFNT, ao Programa de Pós-graduação em Letras: Ensino de Linguística e Literatura (PPGLLIT), campus de Araguaína, pela oportunidade de realizar sonhos.

RESUMO

O ensino do léxico e do vocabulário deve ser sempre considerado dentro de contextos, dando destaque à relação entre palavras que são reconhecidas dentro de um processo comunicativo linguístico e, também, extralinguístico. Este trabalho parte da discussão acerca do ensino do Léxico nas aulas de Língua Portuguesa, durante o ensino remoto emergencial (ERE) (Portaria-SEDUC nº 185, de 29 de janeiro de 2021, publicada na edição 5.777 do Diário Oficial do Estado), a partir da utilização e produção dos roteiros de estudos, com o foco nos objetos do conhecimento aplicados aos alunos cursistas do Ensino Fundamental II da Educação Básica, conforme o Documento Curricular do Tocantins (DCT). Serão exemplificadas, no presente trabalho, as teorias de Biderman (2000), Coseriu (1989), Krieger (2012) e Welker (2008), que buscam, em um sentido semântico lexical, mostrar as propostas de como um professor de Língua Materna pôde trabalhar o ensino do vocabulário durante o Ensino Remoto Emergencial. Os resultados da pesquisa revelaram que não foi realizado um trabalho voltado ao uso de dicionário e após as análises dos roteiros de estudos verificou-se, ainda, que a frequência de uso desse suporte pedagógico foi nula. Conclusão?

Palavras-chaves: Ensino, Léxico, Língua, Vocabulário.

ABSTRACT

The teaching of lexicon and vocabulary must always be considered within contexts, highlighting the relationship between words that are recognized within a linguistic and extralinguistic communicative process. This work starts from the discussion about the teaching of the Lexicon in Portuguese Language classes, during emergency remote teaching (ERE) (Ordinance-SEDUC n° 185, of January 29, 2021, published in edition 5.777 of the Official State Gazette), the from the use and production of study guides, with a focus on objects of knowledge applied to students attending Elementary School II of Basic Education according to the Tocantins Curriculum Document (DCT). The theories of Biderman (2000), Coseriu (1989), Krieger (2012), Welker (2008) will be exemplified in this work, which seek, in a lexical semantic sense, to show the proposals of how the mother tongue teacher could work the teaching of the vocabulary during Emergency Remote Teaching. The results of the research revealed that no work was carried out aimed at the use of dictionaries, after the analysis of the study scripts it was verified that the frequency of use of this pedagogical support was zero.

Keywords: Teaching, Lexicon, Language, Vocabulary.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Local onde os professores estudaram do CMTO - JHC.....	64
Figura 2- Nível de formação/Especialização dos professores do CMTO - JHC.....	64
Figura 3- Dos recursos tecnológicos - entrevista com os professores do CMTO - JHC....	65
Figura 4- Curiosidade dos alunos para aprender palavras novas do CMTO- JHC.....	72

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Lista dos dicionários avaliados e selecionados pelo MEC em 2012 como aptos para distribuição nas escolas públicas.....31

QUADRO 2: Pesquisa realizada com os professores.....37

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

ILUSTRAÇÃO 1A.....	44
ILUSTRAÇÃO 1B.....	44
ILUSTRAÇÃO 2A.....	48
ILUSTRAÇÃO 2B.....	50
ILUSTRAÇÃO 3A.....	53
ILUSTRAÇÃO 3B.....	53
ILUSTRAÇÃO 4A.....	59
ILUSTRAÇÃO 4B.....	59

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CMTO - JHC	Colégio Militar do Estado do Tocantins- Jorge Humberto Camargo
DCT	Documento Curricular do Tocantins
DDT3	Dicionário de tipo 3
EFII	Ensino Fundamental II
LP	Língua Portuguesa
MEC	Ministério da Educação
PNDL	Programa Nacional do Livro Didático
PPGLLIT	Programa de Pós-Graduação em Letras- Ensino de Linguística e Literatura
RTDE	Roteiro de estudos
UFNT	Universidade Federal do Norte do Tocantins

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 CAPÍTULO 1 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	14
1.1 O nível lexical da língua	18
1.2 O ensino do Léxico.....	19
1.3 Lexicografia pedagógica.....	24
2 CAPÍTULO 2 - PNLD 2012 DICIONÁRIO E O ENSINO EM SALA DE AULA.	26
2.1 Da política pública à sala de aula	28
3 CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA	34
3.1 A pesquisa.....	34
3.2 Campos e sujeitos da pesquisa	35
3.3 A coleta de dados	35
3.3.1 O questionário	36
3.4 Análise dos dados	40
4 CAPÍTULO 4 - ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS	42
4.1 A entrevista.....	63
5 CAPÍTULO 5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
REFERÊNCIAS	70

INTRODUÇÃO

Na introdução desta dissertação, apresentamos ao leitor nossa preocupação com as teorias linguísticas existentes para abordar o uso do dicionário junto aos roteiros de estudo durante o contexto de Ensino Remoto Emergencial. Partindo da consideração que a maioria dos professores (principalmente aqueles inseridos nos contextos do ensino fundamental) trabalharam de forma atípica durante esse período.

Torna-se, portanto, necessário trazermos a discussão sobre as compreensões às Ciências do Léxico, que são nosso foco de discussão teórica. Um dos pontos principais da problematização do Ensino do Léxico, durante a adoção do modelo de ensino remoto emergencial, nas aulas de Língua Portuguesa, se faz presente na correção a distância das atividades enviadas aos alunos.

A utilização dos roteiros de estudo durante a pandemia e a adoção do modelo do Ensino remoto emergencial pela secretaria de educação do estado do Tocantins recrudesceram a produção desse instrumento de trabalho por parte do professor da educação básica, nos levando, assim, a pensar em novas formas de ensinar, novas abordagens pedagógicas, inovações, e à adoção de aulas virtuais para complementação de carga horária.

Tendo em base que durante o período remoto emergencial as abordagens pedagógicas envolveram momentos/atividades presenciais e a distância, as atividades neste modelo de ensino devem ser complementares, de modo a favorecer o desenvolvimento do estudante, a personalização da aprendizagem e a promoção de sua autonomia.

Nesse contexto apresentado e vivenciado por todos nós, tornou-se necessária a adequação do currículo do Estado do Tocantins em parcimônia com o nível de aprendizagem adquirida por parte dos alunos, que é verificada por meio das avaliações diagnósticas nas escolas estaduais.

A partir disso, objetiva-se analisar, nos roteiros de estudo do componente curricular de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental II, o processo metodológico de trabalho utilizado pelos professores, junto aos alunos, no que diz respeito à utilização do dicionário como ferramenta pedagógica para realização de pesquisas, nas aulas de Língua Portuguesa que ocorrem em momentos síncronos e assíncronos.

A escolha da temática supracitada justifica-se pela experiência, por parte do professor regente, no processo de ensino, que ocorreu durante a adoção desse modelo de ensino. Com a situação pandêmica, o sistema de ensino até então adotado, de forma presencial, ficou prejudicado. As circunstâncias levaram muitos governos a adotarem o modelo de ensino híbrido ou remoto. Um

desses modelos pode ser encontrado e comprovado no Decreto Estadual n. 6.257, de 14 de maio de 2021, que dispõe sobre as atividades educacionais, a jornada de trabalho, na forma que especifica, e adota outras providências, em que assinala que:

O Governador do Estado do Tocantins, no uso da atribuição que lhe confere o art. 40, inciso II, da Constituição do Estado, decreta: capítulo I - das atividades educacionais:

Art. 1º É autorizada, a partir de 17 de maio de 2021, a retomada gradual da oferta de atividades educacionais presenciais em estabelecimentos de ensino, públicos e/ou privados, de Educação Básica e Superior, com sede no Estado do Tocantins, em conformidade com a legislação vigente. § 1º Para os fins do disposto no caput deste artigo, aplica-se:

I - às escolas públicas estaduais as regras constantes do Plano de Retomada das Atividades Escolares - Aulas Presenciais - Ensino Híbrido, publicado nesta data, em edição suplementar do Diário Oficial do Estado, bem assim da Portaria-SEDUC nº 185, de 29 de janeiro de 2021, publicada na edição 5.777 do Diário Oficial do Estado;

§ 4º Nos termos do caput deste artigo, cumpre aos agentes públicos da Educação Básica vinculados às unidades escolares da Rede Pública Estadual de Ensino o retorno imediato às atividades presenciais. (BRASIL, 2021)

Com o cumprimento dos decretos estabelecidos pelo governo estadual, tornou-se necessário aos professores uma adequação radical ao novo modelo de ensino adotado para o desenvolvimento de suas atividades.

O objeto de trabalho dos professores não pôde mais ser o livro didático, mas sim o roteiro de estudos. Com a confecção dos roteiros de estudo, muitos professores tiveram que passar por um longo processo de formação continuada e utilizar como documento orientador para formulação dos roteiros o reordenamento curricular - Documento Curricular do Tocantins - DCT.

Neste processo de leitura e análise do tema, chamou-nos a atenção para o que diz respeito sobre a forma da utilização dos dicionários, ou seja, como podem contribuir de forma pedagógica no desenvolvimento de aquisição do vocabulário e resolução de atividades, nos roteiros de estudo do componente curricular de Língua Portuguesa, junto aos alunos do ensino fundamental II.

A utilização dos roteiros de estudo, instrumento de trabalho utilizado por professores durante a pandemia, e a adoção do modelo do Ensino remoto emergencial pela secretaria de educação do estado do Tocantins recrudesceram a produção dessa ferramenta de estudo, por parte dos professores da educação básica, levando-nos, assim, a pensar em novas formas de ensinar, com novas abordagens pedagógicas, inovações e à adoção de aulas virtuais para complementação de carga horária.

É evidente que a pandemia trouxe desafios persistentes para o sistema educacional em todo o mundo, incluindo o Brasil e o Estado do Tocantins. A adoção do ensino remoto emergencial,

juntamente com a utilização de roteiros de estudo, representa uma tentativa de manter a continuidade do aprendizado durante um período de restrições e distanciamento social.

Os roteiros de estudo foram uma ferramenta importante para os professores durante a pandemia, pois forneceram uma estrutura e direcionamento para os alunos enquanto estudavam em casa. Esses roteiros podem incluir atividades, leituras, exercícios e recursos online, ajudando os alunos a manterem-se engajados e organizados em seus estudos. Além disso, os roteiros de estudo também podem ser adaptados para atender às necessidades individuais dos alunos, permitindo uma abordagem mais personalizada para o ensino.

O ensino remoto emergencial, por sua vez, envolve a utilização de tecnologias de comunicação e informação para facilitar o ensino à distância. Isso pode incluir a realização de aulas virtuais, videoaulas gravadas, acomodadas por meio de plataformas online e outras digitais. Essas estratégias ajudam a manter a conexão entre professores e alunos, bem como a continuidade do processo educativo, mesmo que de forma não presencial.

As novas abordagens pedagógicas e ferramentas de ensino têm incentivado os professores da educação básica a explorarem maneiras criativas de engajar os alunos e promover a aprendizagem. No entanto, é importante reconhecer que o ensino remoto também apresenta desafios, como a falta de acesso equitativo à internet e dispositivos eletrônicos, a dificuldade de manter o foco e a motivação dos alunos, bem como a ausência do ambiente presencial de sala de aula.

A complementação de carga horária por meio de aulas virtuais foi uma solução temporária para garantir que os conteúdos essenciais fossem observados, mas é fundamental considerar a qualidade do ensino e os envolvimento dos alunos nesse contexto. Os educadores precisaram estar preparados para suas práticas pedagógicas, considerando as limitações e as possibilidades do ensino remoto.

É importante que, ao adotar essas novas abordagens, haja também um planejamento cuidadoso, capacitação dos professores para o uso eficaz das tecnologias, apoio aos alunos que enfrentam dificuldades e uma reflexão constante sobre os resultados e o impacto dessas estratégias no processo de aprendizagem.

No pós-pandemia, muitos desses elementos puderam continuar a ser relevantes, incorporando-se ao sistema educacional de forma mais abrangente e integrada para enriquecer as práticas pedagógicas e oferecer uma educação mais flexível e adaptável às necessidades dos alunos.

Com a inserção do aluno no contexto de pandemia, o entendimento do adolescente como sujeito em desenvolvimento (evidenciada tanto pela Base Nacional Comum Curricular – BNCC quanto pelas Diretrizes Curriculares Nacionais - DCNs) enfatiza a necessidade de a escola e o

profissional da educação buscarem compreender e dialogar com as formas particulares de expressão dos estudantes nesta etapa de ensino.

Tendo em base que durante o período remoto emergencial as abordagens pedagógicas envolveram momentos/atividades presenciais e a distância, as atividades neste modelo de ensino devem ser complementares, de modo a favorecer o desenvolvimento do estudante, a personalização da aprendizagem e a promoção de sua autonomia.

O Ensino de Língua é primordial para a formação social de sujeitos críticos em uma sociedade globalizada. A partir dos estudos sobre a língua podemos conhecer determinada(s) cultura(s), pois sabemos que a língua é heterogênea e multifacetada.

A língua, adquirida naturalmente nas interações, é suficiente para entender os outros e se fazer entender. Segundo Travaglia (2003, p.38), a cultura é veiculada por uma língua, que se configura por meio do trabalho sócio-histórico-ideológico, estabelecendo os recursos da língua e as regularidades a serem usadas para comunicar significados e intenções comunicativas. Destarte, a língua é o que se tem de mais sublime na construção identitária de uma sociedade, pois ela congrega os valores, as ideias e os costumes e crenças, como também sua memória afetiva, sócio-histórica e política.

É a partir dos estudos sobre a língua que somos capazes de compreender fenômenos sociais, culturais, econômicos e até mesmo políticos. Uma simples frase proferida, a depender do contexto de produção, pode evidenciar fatos importantes de dada época. Com os adventos da globalização e as tecnologias, as Ciências do Léxico ganharam bastante destaque, por esse motivo se fazem necessárias para serem discutidas no âmbito escolar-acadêmico.

Este trabalho apresenta uma análise qualitativa das questões apresentadas, e se caracteriza por ser uma produção de fito bibliográfico de questões relacionadas ao tratamento dado ao Léxico no processo de ensino-aprendizagem de língua na perspectiva dos estudos linguísticos apresentados por Biderman (2000). Os objetivos propostos nos direcionam para uma abordagem qualitativa de pesquisa. Suassuna (2009, p.23) afirma que a abordagem qualitativa coloca o pesquisador em posição de questionamentos que vão ser discutidos no decorrer da investigação.

Assim, o pesquisador (re)formula suas hipóteses, em busca de mediar e correlacionar os objetos de reflexão e de análise da pesquisa. Essas hipóteses assumem um papel instável frente à realidade estudada, elas não são estanques e prontas para serem comprovadas, mas podem, pois, ser modificadas para serem coerentes com os achados da investigação.

Neste sentido,

A pesquisa qualitativa é uma atividade situada que posiciona o observador no mundo. Ela consiste em um conjunto de práticas interpretativas e materiais que

tornam o mundo visível. Essas práticas transformam o mundo, fazendo uma série de representações, incluindo notas de campo, entrevistas, conversas, fotografias, gravações e anotações pessoais. Nesse nível, a pesquisa qualitativa envolve uma postura interpretativa e naturalística diante do mundo. Isso significa que os pesquisadores desse campo estudam as coisas em seus contextos naturais, tentando entender ou interpretar os fenômenos em termos dos sentidos que as pessoas lhes atribuem. (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 3).

A pesquisa qualitativa requer de o pesquisador assumir uma posição de observador frente ao mundo e ao objeto de pesquisa. A observação em um contexto natural é inerente a essa abordagem, isto é, observar os fenômenos nos contextos em que ocorrem faz parte de um conjunto de práticas que buscam desvelar verdades.

Nesse sentido, assumimos uma posição de observadores das percepções estudantis sobre a concepção construída e/ou em construção acerca da aprendizagem de Língua Portuguesa e o que esses sujeitos pensam sobre os modos como a disciplina é ensinada. Optar por uma abordagem qualitativa requer a adoção de técnicas e instrumentos capazes de propiciar a observação do objetivo a ser pesquisado. Gunther (2006) explana que as escolhas de técnicas nas pesquisas qualitativas condizem com os objetivos e hipóteses do trabalho, com intenção de entender e interpretar os fenômenos observados. Reitera, ainda, que esse tipo de pesquisa pode fazer uso de procedimentos quantitativos, desde que dialogue com as necessidades do estudo.

A pesquisa tem como corpora a investigação das atividades que envolveram o Ensino do Léxico produzidas pelos professores, nos anos de 2020-2021, nos roteiros de estudo, buscando investigar os objetos do conhecimento: antonímia, paronímia, sinonímia e polissemia.

Como objetivo geral da entrevista, na pesquisa, destacamos, para a produção das arguições, a seguinte pergunta:

- Como a utilização dos dicionários de tipo 3 podem contribuir de forma pedagógica no desenvolvimento de aquisição do vocabulário e resolução de atividades, nos roteiros de estudo do Componente Curricular de Língua Portuguesa, junto aos alunos do Ensino Fundamental II, durante o Ensino remoto emergencial?

Enfatizamos nossos olhares aos seguintes objetivos específicos

- Verificar se os dicionários foram considerados pelos professores como material didático nos roteiros de estudo;
- Destacar quais dicionários têm sido utilizados pelos alunos;
- Entrevistar os professores para entender de que maneira foi trabalhado o Ensino do Léxico;

Nossa hipótese é de que não houve atividades voltadas à utilização de dicionários nos roteiros de estudo por parte dos professores.

Esta dissertação está organizada em cinco capítulos correlacionados. No Capítulo I, está nossa Fundamentação Teórica, que dará suporte científico a todo o processo de desenvolvimento da pesquisa, com uma discussão sobre o nível lexical da língua, como deve ser realizado o ensino do léxico e a descrição detalhada sobre a Lexicografia Pedagógica, permitindo com que compreendamos de maneira plena sua função pedagógica.

No Capítulo II, abordaremos acerca do Programa Nacional do Livro didático – PNLD dicionários 2012, compreenderemos acerca da Política Pública, e como os dicionários são classificados, para que etapa do Ensino são recomendados, entre outros benefícios dessa ferramenta Pedagógica.

O Capítulo III destina-se à Metodologia da pesquisa: como está organizada, a coleta de dados, o questionário, o campo e os sujeitos da pesquisa, bem como o corpus da pesquisa.

O Capítulo IV trata das análises e resultados da pesquisa, apresenta a entrevista realizada com os professores, os critérios para a análise, a descrição de como foram identificadas as atividades realizadas em contexto de pandemia que envolvem o léxico ou dicionário, como fora realizado a triangulação dos dados reforçando o tipo da pesquisa.

No capítulo V da dissertação, apresentaremos as considerações finais da pesquisa, o que foi discutido, questões a serem futuramente pesquisadas dentre outros.

CAPÍTULO 1

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

VERIFIQUE SE AQUI HÁ UM OU DOIS ESPAÇAMENTOS, SIGA AS NORMAS

Este capítulo destina-se à construção teórica do trabalho. Para tanto, utilizaremos teóricos que vão ao encontro das teorias que fundamentam as Ciências do Léxico. Nesta pesquisa, trabalhamos, com base em Biderman (2000), o conceito de Léxico como nosso princípio norteador da proposta.

Vamos correlacionar as influências apreendidas pelo ambiente na Língua. Destacamos que o ato de nomear objetos decorre da necessidade do indivíduo de atribuir nomes aos novos fatos e novas situações vivenciadas, considerando os fatores físicos e sociais em que está inserido. Esse processo se dá de forma coletiva, correlacionado com um dado povo, em uma dada época.

Por fim, podemos apreender, então, sobre as discussões pertinentes à relação Língua e Ambiente, em que a língua é um fato social e o homem, por estar inserido nesse contexto, pode sofrer influências do meio em que vive, assim como pode também ser capaz de propor mudanças linguísticas significativas para o seu meio.

Esse movimento dinâmico, que é o processo de comunicação, ocorre desde os primórdios da humanidade e tem servido para evidenciar que o Léxico é a base do discurso e que o ato de nomear sempre foi motivado e, com os avanços constantes da humanidade, há uma tendência cada vez maior de ampliação/renovação/inação lexical.

Nesta perspectiva, a palavra, independentemente de seu processo de criação, motivada por fatores ambientais e/ou sociais, é a base para os estudos linguísticos, visto que cada movimento de formação perpassa por um processo histórico.

Nas palavras de Biderman (2001a, p. 16), “Embora se atribua à Semântica o estudo das significações linguísticas, a Lexicologia faz fronteira com a Semântica, já que, por ocupar-se do léxico e da palavra, tem que considerar a sua dimensão significativa”.

Coseriu (1989) traz a importante contribuição dos estudos saussurianos e da necessidade de revisões conceituais tendo em vista as várias lacunas na linguística, bem como as divergências entre várias concepções e seus critérios adotados para os apontamentos sobre a língua e fala.

O autor faz a definição dos seguintes termos: “sistema” enquanto estrutura, nível da abstração entendido como sistemas de signos linguísticos, “norma”, que segundo ele é a realização coletiva da língua que parte do individual, mas manifesta-se mediante os atos de comunicação oral pela fala e também a fala.

Para o autor, em contraponto com Saussure, norma, sistema e fala possuem relações entre si. Segundo ele, o que é *langue* numa concepção é *parole* em outra, de forma que tais conceitos se confundem em algum momento, o que para o autor não passa de uma confusão semântica, uma vez que não se pode conceber língua e fala como sendo a mesma coisa.

Assim, Coseriu (1989) critica o conceito rigidamente estático do sistema linguístico de Saussure, por desconsiderar o dinamismo, a variedade e a diversidade linguística. Ao fazer esses apontamentos, o autor enfatiza que, para Saussure, a linguagem está no aspecto individual ao social. Para ele, da dicotomia *langue* e *parole* surgem os desacordos acerca da própria caracterização conceitual que se dá por contradições semânticas.

Coseriu (1989) esclarece, no *Cours de linguistique generale*, que os enunciados indicam a separação da *langue* e *parole*, em que Saussure insiste no caráter social da língua e estabelece a contraposição à sociedade-indivíduo. Contudo, o autor indica o equívoco dessa distinção, uma vez que os próprios escritos sinalizam a não distinção, pois engloba o caráter social.

Vimos também que Coseriu (1989) traz em sua bagagem argumentativa um sistema de possibilidades em relação ao código linguístico. E esse sistema é extremamente importante para que nós compreendamos as potencialidades linguísticas que decorrem de forças sociais que se combinam e movem esse sistema.

Diante disso, percebe-se a ampla discussão que gira em torno do que é língua e fala, ampliando o debate para vários critérios que levam a diferentes abordagens dos termos. Nesse sentido, é importante destacar que, para o autor, temos um espaço de oposições significativas e funcionais, a que ele chama de sistema, que se caracteriza por ser “um leque de possibilidades” para o falante usar a língua.

Além disso, existe a norma, que se caracteriza por ser um conjunto de estruturas e modelos linguísticos de uma comunidade do qual o falante se atribui para organizar sua fala. E o falar concreto, que é, de fato, a realização da língua. Logo, toda a distinção apontada entre sistema e norma auxilia a compreensão de *langue* e *parole* contribuindo para que venhamos assimilar o funcionamento da língua (Coseriu, 1989).

As Ciências do Léxico são uma área de estudo que se dedica ao estudo científico do vocabulário de uma língua. Essa área tem como objetivo compreender como as palavras são formadas, como elas evoluem ao longo do tempo e como são usadas em diferentes contextos linguísticos. Os campos de estudo das Ciências do Léxico incluem, entre outras, a semântica, a morfologia e a lexicografia.

As Ciências do Léxico são um ramo da Linguística que se dedica ao estudo do vocabulário de uma língua. Elas englobam diversas áreas, como a disciplina que se concentra na elaboração de

dicionários, e a lexicologia, que investiga a estrutura e o significado das palavras e seus contextos de uso. O estudo do Léxico é fundamental para a compreensão da língua, uma vez que as palavras são os blocos básicos da comunicação. Além disso, a análise do léxico permite entender como as palavras evoluem e se adaptam ao longo do tempo, refletindo as mudanças culturais e sociais de uma sociedade.

Por isso, as Ciências do Léxico têm um papel importante tanto na teoria linguística quanto na prática da comunicação. Neste sentido, de acordo com Biderman (1996, p.27), "o léxico é o lugar da estocagem da significação e dos conteúdos significantes da linguagem humana". A mesma autora ressalta em obra anterior:

o léxico pode ser considerado como tesouro vocabular de uma determinada língua. Ele inclui a nomenclatura de todos os conceitos linguísticos e não-linguísticos e de todos os referentes do mundo físico e do universo cultural, criado por todas as culturas humanas atuais e do passado (Biderman, 1981, p.138).

Buscaremos, nesta dissertação, dar destaque à Lexicologia e Lexicografia Pedagógica, uma área ainda pouco conhecida por professores de Língua Portuguesa, com ênfase nos métodos de formulação de dicionários do Ensino Fundamental e seu uso em sala de aula, elencando, esmiuçadamente, os benefícios que podem ser engendrados aos alunos.

A linguagem é um sistema dinâmico e complexo de comunicação, consistindo em palavras, frases e regras gramaticais que evoluíram ao longo do tempo.

A Lexicologia, que faz parte das Ciências do Léxico, abrange a análise das origens e evolução das palavras, bem como seu uso em diferentes contextos. O campo da lexicologia compreende como a linguagem reflete e molda a cultura e a sociedade, e são esses os diferentes aspectos que a tornam uma área de estudo interessante.

A Lexicologia é o ramo da Linguística que realiza o estudo científico do léxico de uma língua, com diversos enfoques. Dessa forma, interessa à Lexicologia determinar quais são a origem, o significado e as formas das palavras que constituem o idioma de uma língua. É interesse também de a Lexicologia apreender o uso que os falantes de uma comunidade fazem da língua. Portanto, é a Lexicologia que permite descrever e observar, de maneira científica, as unidades léxicas de determinada comunidade linguística.

A Lexicografia, por sua vez, sendo uma ciência instrumental, tem como foco a elaboração de dicionários, como explicaremos nesta dissertação.

O ensino do Léxico é uma importante área de estudo para a lexicologia aplicada à educação. O objetivo principal do ensino do léxico é desenvolver a competência lexical dos alunos, ou seja,

a capacidade de compreender e produzir palavras em diferentes contextos comunicativos (Fonte?). Para isso, é fundamental que os professores trabalhem com estratégias que permitam aos alunos aprenderem as palavras de forma contextualizada, considerando aspectos como a origem, significado, estrutura e uso.

O Léxico, ou conjunto de palavras de uma língua, é uma parte essencial do ensino e aprendizado de um idioma. A compreensão e o uso adequado do léxico são fundamentais para a comunicação efetiva em qualquer idioma. Além disso, o ensino do léxico permite ao aluno desenvolver sua capacidade de expressão e compreensão em diferentes contextos, como na escrita acadêmica e na comunicação cotidiana.

Para isso, é importante que o ensino do léxico seja abordado de maneira sistemática e estruturada, por meio de atividades que envolvam a prática do vocabulário em diferentes contextos e com diferentes estratégias de aprendizado, como o uso de dicionários, a leitura de textos autênticos e a prática de exercícios específicos. Dessa forma, o ensino do léxico pode contribuir significativamente para o desenvolvimento linguístico e comunicativo dos alunos.

Isso pode ser feito por meio de atividades que explorem as relações entre as palavras, suas variações e a utilização de dicionários e outras ferramentas lexicais. Um exemplo de atividade é o estudo de palavras em família, ou seja, a análise de palavras que têm a mesma raiz ou prefixo/sufixo comum, o que ajuda os alunos a compreenderem melhor a formação das palavras e a ampliarem seu vocabulário. É importante ressaltar que o ensino do léxico deve estar sempre relacionado aos objetivos comunicativos do aluno, buscando desenvolver habilidades linguísticas que possam ser utilizadas em diferentes situações comunicativas.

A Lexicologia, de acordo com Biderman (2001b, p. 16), é uma ciência que possui como objetos de estudos a “análise da palavra, a categorização léxica e a estruturação do léxico”. Para a autora, cada palavra de uma língua faz parte de uma estrutura que possui duas coordenadas: o eixo sintagmático e o paradigmático. A Lexicologia é entendida como uma “ciência na qual seus objetivos de estudo são a palavra, a categorização lexical e a estrutura do léxico” (Biderman, 2001, p. 16). Dessa forma, a Lexicologia é a parte da Linguística que estuda não somente a palavra ou vocábulo, mas também o seu significado, a sua constituição, variações flexionais, classificação semântica sob as perspectivas diacrônicas e sincrônicas, incluindo, é claro, outros importantes campos do saber, tais como a Morfologia, a Semântica, a Pragmática, dentre outras.

O objetivo principal da Lexicologia é analisar as palavras de uma língua em termos de sua origem, significado, estrutura e uso. Além disso, a lexicologia também estuda a relação entre as palavras e as suas variações, como as gírias, os regionalismos e os neologismos. Por meio da lexicologia, é possível entender melhor como as palavras são formadas e utilizadas em uma língua,

o que é fundamental para a compreensão e produção de textos coerentes e adequados ao contexto comunicativo.

O estudo da Lexicologia começa com um exame das origens e evolução das palavras. As palavras têm uma história e rastrear sua evolução pode fornecer informações valiosas sobre o desenvolvimento da linguagem e da cultura. Por exemplo, palavras emprestadas de outras línguas podem revelar a história do comércio, conquista e intercâmbio cultural que moldou diferentes sociedades. O estudo da etimologia, ou origem das palavras, também pode fornecer um vislumbre das crenças e práticas das pessoas que as usaram.

Podemos entender a Lexicografia Pedagógica ou Didática como um estudo analítico da produção sistematizada de dicionários (Fonte?). O conceito é baseado na crença de que a língua é parte integrante da cultura e deve ser respeitada como tal. Os educadores enfatizam há muito tempo a necessidade de ensinar sobre a linguagem.

A Lexicografia Pedagógica, ainda, é um estudo acadêmico das palavras em seus aspectos linguísticos, históricos, culturais e contextuais. Lexicografia é a ciência dos dicionários (BIDERMAN, 2001, p.17), e, a Lexicografia Pedagógica um ramo dessa ciência (Fonte?).

1.1 O nível lexical da língua

O nível lexical da língua demonstra a capacidade do sujeito em utilizar, organizar e selecionar lexemas para escrever e falar (Fonte?). O vocabulário é, portanto, fundamental para que se formule sentenças lógicas e compreensíveis durante o processo de comunicação. De acordo com Biderman (2000), o vocabulário exerce um papel extremamente importante na veiculação do significado. Línguas são instrumentos de comunicação universal; elas expressam nossos sentimentos e nossa cultura.

Assim, podemos afirmar que o Léxico faz parte do sistema de uma língua. O ensino de vocabulário que considera o contexto ainda se revela minoria. A palavra terá validade dentro de uma enunciação a partir de um dado contexto. Ou seja, as palavras ganham significado a partir do contexto na qual elas se inserem, pois o contexto facilita o entendimento do significado das palavras. Além do mais,

[...] o componente curricular de Língua Portuguesa deve garantir aos estudantes o desenvolvimento de competências específicas. Vale ainda destacar que tais competências perpassam todos os componentes curriculares do Ensino Fundamental e são essenciais para a ampliação das possibilidades de participação dos estudantes em práticas de diferentes campos de atividades humanas e de pleno exercício da cidadania (Brasil, 2017, p. 86).

Segundo Bezerra (1999), a compreensão e textos é uma atividade que possui duas faces: uma de caráter linguístico, o qual utiliza de conhecimentos gramaticais e lexicais; e outra de caráter cognitivo, no qual se inclui o conhecimento de mundo. O dicionário, como já vimos, tem papel preponderante desde o processo de formação de uma identidade nacional até o processo de manutenção da cidadania, esse fato reitera a premissa de que ele é um instrumento histórico-social e “cultural que remete tanto à língua como à cultura” (BIDERMAN, 1984, p. 28).

Nesse contexto, fazer um uso eficiente de obras lexicográficas permite compreender a maneira como elas produzem sentidos em certas conjunturas, e como esses sentidos afetam a formação discursiva, por consequência, a formação cidadã dos estudantes. Envolvido nesse processo está o conhecimento de vocabulário como parte essencial para que o ato de ler possa ser efetivado com sucesso.

1.2 O ensino do Léxico

Neste tópico, vamos discutir acerca do Ensino do Léxico. Iniciaremos nossas explicações apontando o que pensam sobre a temática alguns teóricos. Para Tréville & Duquette, (1998), o Léxico é o geral, o social e o essencial, enquanto o vocabulário é o particular, o individual e o acessório.

De acordo com as definições sobre o Léxico, Biderman (1981)

O léxico pode ser considerado como tesouro vocabular de uma determinada língua. Ele inclui a nomenclatura de todos os conceitos linguísticos e não linguísticos e de todos os referentes do mundo físico e do universo cultural, criado por todas as culturas humanas atuais e as culturas do passado (BIDERMAN, 1981, p. 132).

A autora destaca que o léxico é “o lugar que armazena significação e conteúdos significantes da linguagem humana” (BIDERMAN, 1996, p. 187). Podemos registrar que a citação do que vem a ser léxico, para Biderman (1981), inclui aspectos culturais e a noção de registro nos dicionários, quando a autora o aponta como “tesouro vocabular”.

Antunes (2012) também registra a sua opinião sobre o que vem a ser o Léxico. De acordo com a autora, o Léxico “[...] pode ser visto como um amplo repertório de palavras de uma língua, ou o conjunto de itens à disposição dos falantes para atender às suas necessidades de comunicação” (ANTUNES, 2012, p. 27).

De acordo com Biderman (2001, p. 13-14), “o léxico de uma língua natural constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo” e “[...] pode ser identificado com o patrimônio

vocabular de uma dada comunidade linguística ao longo de sua história”. Mas, segundo a autora, “os modelos formais dos signos linguísticos preexistem, portanto, ao indivíduo” (BIDERMAN, 2001, p. 14) e o indivíduo-falante processa cognitivamente “o vocabulário nomeador das realidades cognoscentes juntamente com os modelos formais que configuram o sistema lexical” (BIDERMAN, 2001, p.14).

Segundo Kleiman (1996), “o conhecimento do léxico faz parte das nossas habilidades linguísticas, que vão desde o conhecimento gramatical, até a capacidade de usar o vocabulário para perceber as estruturas textuais”. O conhecimento do vocabulário está intrinsecamente relacionado com a capacidade de leitura e escrita. A inferência lexical é uma estratégia que possibilita que o significado de uma palavra ganhe novas ideias à medida em que elas podem ser assumidas no contexto (Fonte?).

Verifica-se, a partir dos autores supracitados, que a amplitude e o repertório lexical existentes na língua assumem uma função dantesca nos processos de compreensão textual. É impossível pensar em uma análise linguística que desconsidere os conhecimentos de mundo do aluno. O professor de Língua deve, portanto, identificar bem o seu aluno e explicar a dimensão das funções linguísticas que podemos ter em divergentes espaços sociais, culturais e políticos.

Para a teórica Biderman (2000), o léxico é um tesouro de uma língua, ou seja, é o que mais temos de importante, indispensável para uma sociedade. Destacamos ainda que: “Léxico engloba o vocabulário; enquanto o léxico é o conjunto das palavras de uma língua, o vocabulário será o conjunto dos vocábulos realmente existentes num determinado tempo e lugar ocupados por uma comunidade linguística”. (GARCIA, 1986, p. 76). Ainda de acordo com as exemplificações de Biderman (1978), o vocabulário exerce um papel crucial na veiculação do significado, caracterizando-se como objeto da comunicação linguística.

Neste sentido, Sapir (1969), a partir dos postulados de Saussure (1995), discorre sobre a relação da língua com o meio ambiente, correlacionando com as manifestações da vida e do pensamento sobre as influências do ambiente.

Para ele, o signo não é abstrato; as forças sociais, tanto do meio ambiente quanto físicas, são indissociáveis no processo de significação do qual elas participam simultaneamente. Porém, Sapir (1969) não discorda, tampouco é a favor desse posicionamento, mas pondera que todo traço de cultura humana como proveniente somente da ação do ambiente não passa de ilusão, havendo, portanto, uma influência do ambiente sobre o indivíduo, cuja origem é de um traço coletivo, ou seja, do meio social em que ele está inserido. Desta forma, as forças sociais, consideradas de caráter ambiental, às quais reagimos, é que moldam as influências ambientais.

Ademais, Sapir (1969, p. 45) sugere que o ambiente físico só se reflete na língua à medida que atuarem sobre ele os fatores sociais, quais sejam a ética, a religião, as normas sociais etc. O autor acrescenta ainda que o léxico da língua é a parte que mais reflete o ambiente físico e social dos falantes. Assim, toda influência ambiental na língua vem da parte social, podendo ocorrer em três pontos: no léxico, no sistema fonético e na forma gramatical. Portanto, considerando que o interesse de um povo é refletido no léxico, essa é a razão pela qual o léxico de uma língua pode apresentar características muito específicas de um povo como ideias, interesses e ocupações.

Ressaltamos ainda que, no tocante às influências do ambiente de inserção, as forças sociais podem contribuir para que determinadas falas sejam pensadas/proferidas. Desse modo, é indubitável afirmar que a língua sofre influências do ambiente físico moldadas por forças sociais.

Assim, salienta-se que o léxico, a fonologia e a morfologia são campos da língua em que se vê mais nitidamente a influência do meio físico e social. No entanto, é no léxico onde se vê um impacto maior, haja vista o fato de que o léxico - enquanto conteúdo da língua -, reflete o interesse de um povo, que se adapta a diferentes contextos locais e situacionais. Sapir reflete sobre as influências do ambiente na língua do falante, bem como reflete na vida social e cultural de um indivíduo.

Ainda segundo Sapir (1969), língua, cultura, ambiente e sociedade se entrelaçam. Uma vez que o signo não é abstrato, as forças sociais tanto do meio ambiente quanto físicas são indissociáveis no processo de significação do qual elas participam simultaneamente. Portanto, ressaltamos que os postulados de Saussure foram cruciais para se pensar a língua para além do sistema abstrato.

Já as reflexões de Sapir abrem um leque de possibilidades para que, posteriormente, outros autores pudessem trazer novos apontamentos, tais como o estudo do Léxico. Nesse ponto, enfatizamos o estudo do Léxico, tendo a palavra como objeto de estudo.

De acordo com Tréville e Duquette (1996*apud* Bezerra, 1998, p. 3-4), “a competência lexical engloba cinco componentes: 1) linguístico – que engloba palavras e frases e está ligado à palavra propriamente dita, sua forma, seus significados e seus contextos de ocorrência; 2) discursivo – que está relacionado à coesão, coerência e co-ocorrência, por meio das possíveis combinações com outras unidades lexicais que possuem afinidades entre si; 3) referencial – que diz respeito às experiências subjetivas do falante com o mundo e, conseqüentemente, suas relações, possibilitando a previsão, no momento do discurso, das “sequências lexicais correspondentes a estereótipos de comportamentos sociais”; 4) sociocultural – que se compõe do conhecimento do valor das palavras de acordo com os registros linguísticos, de seus significados culturais e de seu emprego de acordo com as situações de comunicação; 5) estratégico – que é a capacidade de

utilizar as unidades lexicais “em suas redes associativas com o objetivo de esclarecer, resolver um problema de comunicação e capacidade de superar o desconhecimento de palavras por procedimentos de inferência a partir de pistas contextuais (compreensão) ou de formulações aproximadas, paráfrases e definições (produção)”.

Tendo em base as arguições de Biderman (2001b, p. 179), “O Léxico de qualquer língua constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos”, o que se deve à sua constante reformulação pelos falantes ao longo dos anos, provocando deslocamentos sensíveis na relação entre significante e significado, de acordo com Saussure (1995).

Sob este enfoque, Biderman (2001b, p. 179) assevera que, em função das transformações socioculturais, “o Léxico se expande, se altera e, às vezes, se contrai”.

São três as ciências ou disciplinas que têm o léxico como objeto de estudo: a Lexicologia, a Lexicografia e a Terminologia, por isso são conhecidas como as ciências do léxico. Entretanto, antes de definirmos o que vem a ser cada uma dessas ciências, convém explicar, primeiramente, seu objeto de estudo, ou seja, o léxico.

Segundo Basílio (2009, p. 9), a língua pode ser definida como um sistema de classificação e de comunicação, uma vez que, conforme aponta a autora, antes mesmo de nos comunicar precisamos identificar, caracterizar e classificar as coisas de que desejamos falar, isto é, repensar e reformular as ideias e conceitos que desejamos exteriorizar. Nesse sentido,

O léxico é uma espécie de banco de dados previamente classificado, um depósito de elementos de designação [...]. O léxico, portanto, categoriza as coisas sobre as quais queremos nos comunicar, fornecendo as unidades de designação, as palavras, que utilizamos na construção de enunciados (BASÍLIO, 2009, p. 9).

Estudar o léxico de uma dada comunidade linguística nos permite conhecer as diferentes vivências, histórias, culturas e identidade desse povo, uma vez que é por meio das palavras que externalizam seus sentimentos, pensamentos, desejos e ideologias. Biderman (2001, p. 14) afirma que “o léxico de uma língua natural pode ser identificado com o patrimônio vocabular de uma dada comunidade linguística ao longo de sua história, [...] um tesouro cultural abstrato, [...]uma herança de signos lexicais herdados”. Ou seja, o falante da língua já predispõe da formação da linguagem e, com isso, organiza sua fala e pensamento.

Por ser um sistema aberto, o léxico está em constante mudança e evolução, uma vez que sofre influência do falante e das mudanças pelas quais passa a sociedade. Esta flexibilidade e caráter abrangente permite que o estudemos sob diversas perspectivas, estabelecendo relações e intersecções com diversas outras áreas do conhecimento, como a morfologia, a fonologia, a sintaxe, a semântica e a pragmática.

Como já destacamos, tanto a Lexicologia, quanto a Lexicografia e a Terminologia estudam o léxico, no entanto cada uma o aborda de uma maneira diferente. A Lexicologia é o estudo das palavras e suas formações linguísticas. É uma ciência que é estudada de maneira interdisciplinar com outras ciências, como a Semântica e a Morfologia. Nesse sentido, a Lexicologia estuda o léxico de uma forma mais ampla e sob diversos enfoques, como por exemplo os processos de formação pelas quais as palavras (unidades lexicais) são constituídas, os significados e contextos de uso de uma determinada palavra. Há muitos estudos e distintas maneiras de se realizar uma análise lexical: análise de uma letra de música, de um poema, de um texto etc.

Quanto à Lexicografia, como destaca Costa (2015), pode ser definida como a ciência que estuda e sistematiza o léxico com o objetivo de criar dicionários, glossários e outras obras lexicográficas. Biderman (2001) aponta que a Lexicografia surgiu, primeiramente, de forma bilíngue com os glossários criados a partir dos estudos de filólogos, com o intuito de corrigir “erros” gramaticais.

De acordo com Biderman (1984), a partir das ideias renascentistas, os indivíduos passam a sentir a necessidade de ampliar sua visão de mundo linguística e culturalmente e, com isso, surge a necessidade de aprender línguas diferentes da sua língua materna e, como consequência de uma centralização europeia, essas línguas aprendidas pelo homem renascentista são originárias de países europeus.

Somente o conhecimento acerca da relação que o Latim possuía com as outras línguas não era suficiente para transformar a linguagem em instrumento de intercâmbio cultural, com isso, os dicionários bilíngues na Espanha, França, Itália, em Portugal, bem como as gramáticas de cada uma das línguas, tornaram-se oficiais para as nações-estado da Europa no século XVI, como forma de ampliar esse diálogo e aproximação política.

Ainda a partir de Biderman (1984), a Lexicografia monolíngue surge e se desenvolve ao longo do século XVII, aperfeiçoando, aos poucos, suas técnicas. Atualmente, a Lexicografia se expande e assume várias modalidades em funções para informações sobre a sua língua, sobre as línguas estrangeiras e sobre o universo linguístico em que estamos inseridos, dando origem a diversas tipologias de dicionários.

O dicionário, como instrumento linguístico e discursivo, tornou-se, então, um objeto ou instrumento de pesquisa e ensino de primeira necessidade, e são utilizados para diversos fins: conhecer o significado de uma palavra; solucionar dúvidas de ortografia; resolver questões morfológicas, como, por exemplo, saber a classe gramatical e se a lexia se trata de um prefixo ou sufixo; descobrir a origem etimológica de um vocábulo; conhecer os contextos de uso e

exemplificações; estudar questões relacionadas ao discurso e ideologias, enfim, são muitas as utilidades do dicionário.

Em última instância, falaremos sobre a Terminologia. Segundo Cabré (1999) a palavra *Terminologia* por si só é uma unidade polissêmica, ou seja, possui diferentes significados: ciência ou disciplina que estuda o léxico especializado; conjunto de termos de uma determinada área de especialidade; técnicas ou diretrizes que orientam o trabalho terminológico e terminográfico. Neste trabalho, definimos a Terminologia como a ciência que estuda o léxico especializado, ou seja, o léxico de um domínio de especialidade como a Medicina, a Botânica, a Química etc.

Nesse sentido, Lexicografia e Terminologia se diferenciam por duas questões básicas: (i) a Lexicografia estuda o léxico da língua geral, ao passo que a Terminologia se ocupa apenas do léxico especializado (ii) a Lexicografia tem como objetivo a criação de dicionários de língua geral, como o dicionário Houaiss e o dicionário Aurélio, por exemplo, enquanto a Terminologia tem por intuito a criação de dicionários técnicos ou especializados e bancos de dados terminológicos.

Podemos dizer que a Terminologia é uma ciência que acompanha os acontecimentos sociais e as mudanças dentro de uma determinada sociedade. Nesse sentido Silva (2011, p. 48) afirma que:

[...] a terminologia precisa estar em consonância à revolução que o país está vivendo. [...] na terminologia, uma palavra designa um determinado objeto porque opera com propriedade e características, remetendo a determinados universos de valores consubstanciados nos discursos de especialidade.

Convém destacar que, apesar de a Terminologia concentrar-se no estudo do léxico especializado, também precisa entender o léxico da língua geral para compreender qual o momento que aquela determinada sociedade está e, a partir disso, realizar seu estudo. Dessa forma, a partir desse estudo especializado das unidades lexicais, a Terminologia tem por objetivo, também, a criação de dicionários especializados. Bezerra e Lima (2022, p. 245) afirmam que “o ato de definir em um trabalho terminológico consiste em estabelecer elementos teóricos e metodológicos que possibilitem mobilizar as características da área de especialidade cujos termos estão sendo definidos”, uma vez que as áreas de estudo, majoritariamente, possuem termos e unidades lexicais específicas. Para que esses elementos sejam definidos de acordo com seu campo de estudo é necessário que haja estudos para nomear os termos que são apresentados nesses âmbitos de especialidade, daí a importância da Terminologia para o desenvolvimento dessas pesquisas.

1.3 Lexicografia pedagógica

Neste tópico, vamos arguir acerca de uma das integrantes das Ciências do Léxico, a Lexicografia Pedagógica ou Didática. Conforme nos expõe Welker (2008, p. 13-19), a Lexicografia Pedagógica diz respeito aos dicionários usados no ensino e aprendizagem de línguas. É uma área que se propõe a analisar questões que dizem respeito às obras lexicográficas destinadas ao âmbito escolar, considerando o público-alvo e os princípios didáticos que regem a aprendizagem de uma língua, seja ela materna ou estrangeira.

A Lexicografia Pedagógica concentra-se na produção dos dicionários destinados a fins educacionais; esses dicionários ganharam uma grande importância nos últimos tempos. Assim,

A Lexicografia Pedagógica postula que não há apenas um dicionário escolar, mas dicionários destinados à escola. Igualmente, postula que a escolha do dicionário para uso na escola necessita estar relacionada com os distintos projetos de ensino/níveis de aprendizagem. Em consequência, é importante para a Lexicografia Pedagógica oferecer subsídios para tornar o uso do dicionário produtivo e orientado para o ensino e aprendizagem de línguas (KRIEGER, 2012, p. 173).

A Lexicografia Pedagógica é uma área compilada por especialistas com muitos anos de experiência neste campo, com o objetivo de fornecer às instituições de ensino obras de referência úteis para fins didáticos. Nunes (2006) descreve a lexicografia como “um saber linguístico de natureza prática, tendo em vista a aquisição de um domínio de língua, de um domínio de escrita e de um domínio de enunciação e de discurso.” (NUNES, 2006, p. 150). A Lexicografia Pedagógica carrega consigo uma função fundamental nessa transição de modelos de ensino no que tange à observação contínua do trabalho que envolve o léxico nos documentos distribuídos à população.

Nesse sentido, a Lexicografia Pedagógica nos ajuda a compreender as obras lexicográficas como um instrumento rico em informações sobre a língua. Portanto, em um ambiente escolar, o dicionário pode ser utilizado como ferramenta potencializadora do ensino e aprendizagem. Com base nisso, o dicionário também exerce uma função social que, como instrumento pedagógico, pressupõe uma formação cidadã.

Segundo a parte introdutória da Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2017, p. 8), a Educação Básica nacional visa o desenvolvimento de competências nos alunos, de modo que eles possam “resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho”.

Neste sentido, o uso do dicionário deve ser reconhecido como forma de ampliar o acervo léxico dos alunos, observando os diferentes níveis de linguagem, além de ajudar a elaborar e a compreender textos.

Krieger nos lembra:

A adoção de um dicionário como um dos instrumentos básicos para o ensino do idioma revela a consciência do valor didático desse tipo de obra que oferece informações sobre o léxico, seus usos e sentidos, apresentando ainda os padrões gráficos e silábicos dos vocábulos e expressões de um idioma entre outros elementos. Em consequência, sua utilização está, corretamente, associada ao desenvolvimento de determinadas competências do aluno, destacando-se os exercícios com o léxico que incidem diretamente sobre os processos de leitura e produção textual, embora favoreça também outros exercícios voltados a descrições linguísticas. Em realidade, o conjunto das informações que encerra, torna o dicionário um lugar privilegiado de lições sobre a língua, um instrumental didático de grande valia para o professor. (KRIEGER, 2005, p. 101-112)

Além disso, a Lexicografia Pedagógica ou Didática é uma área que estuda a estrutura e o uso dos dicionários. O campo é extenso e traz várias explicações acerca dos dicionários; assim, é essencial que os professores utilizem as informações encontradas nessas obras. Um conhecimento acerca da Lexicografia ajuda os professores a planejarem as aulas, gerenciar seu trabalho de classe e ensinar de forma eficaz aos seus alunos. Além disso, esse campo de estudo pode enriquecer as aulas dos professores com ricas pesquisas. Nesse contexto, as palavras são o principal recurso para produção da linguagem e o léxico, para essa autora, representa e está diretamente ligado à necessidade de comunicação.

Os dicionários são uma fonte insubstituível de informações para os alunos. Eles são uma ferramenta e podem ajudar os alunos a dominarem novas palavras e frases. Além disso, usar vários dicionários ajuda os estudantes a entenderem as diferenças de várias palavras.

Isso lhes permite entender o contexto em que as palavras são usadas, bem como identificar colocações - palavras semelhantes que pertencem a uma determinada classe ou tipo. Em última análise, a compreensão dos dicionários é essencial para uma comunicação eficaz com os outros. Os alunos podem usar esse suporte didático para procurar palavras desconhecidas que encontram ao ler ou escrever suas tarefas.

Isso ajuda os alunos a dominarem novas palavras e a construírem seus vocabulários ao mesmo tempo. Além disso, um dicionário aos planos de aula permite que os professores abordem mais tópicos, acrescentando aspectos históricos ou sociais relevantes em suas aulas. Fazer isso encoraja uma análise mais profunda dos assuntos abordados, apropriando vocabulário relevante no plano de aula.

CAPÍTULO 2

2 PNLD 2012 DICIONÁRIO E O ENSINO EM SALA DE AULA

Neste capítulo, nossa atenção volta-se à compreensão da Política Pública para a distribuição dos dicionários, quem fica incumbido de executar essa função, e por meio de qual política pública isso foi possível.

O programa Nacional do livro Didático – PNLD foi, sem dúvida, bastante importante para a contribuição em larga escala dos materiais pedagógicos utilizados em sala de aula. Malgrado o dicionário não seja um livro didático, carrega consigo uma vasta função, pode fazer com que o aluno aprenda e amplie seu vocabulário e fazer com que o processo de aquisição faça a diferença na vida do estudante de diversos níveis de Ensino, da Educação Básica ao nível Superior.

As obras de referência, dicionários, devem abranger diferentes aspectos da linguagem, como pronúncia, gramática, ortografia, vocabulário e sintaxe, entre outros. No Brasil, sobre as contribuições do PNLD Dicionários para o ensino, pode-se afirmar que

O avanço da produção lexicográfica destinada à escola foi altamente impulsionada pela compreensão do Ministério da Educação (MEC) de que os dicionários desempenham papel importante no aprendizado da língua materna. Isso foi determinante para sua inclusão no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), traduzindo diretrizes de uma importante política pública, de âmbito nacional, no plano da lexicografia direcionada para a escola. A inclusão de dicionários para o ensino fundamental das escolas públicas nacionais vem desde 2001. No entanto, para o PNLD 2006, foram adotadas diretrizes inovadoras, ao abrir a inscrição de três tipos distintos de dicionários, assim formalizados no Edital (KRIEGER, 2012, p. 174).

O último PNLD dicionários foi em 2012. Com ele as escolas públicas receberam dicionários que foram divididos e classificados em tipo 1, 2, 3 e 4. Nesses termos, podemos dizer que a função básica do dicionário escolar é a de colaborar significativamente com os processos de ensino e aprendizado que se desenvolvem nesse período, favorecendo, ainda, a conquista da autonomia do aluno no uso apropriado e bem-sucedido dos dicionários de referência de sua língua.

Os Dicionários de Tipo 1 e 2, do ponto de vista do nível de ensino a que se destinam, os dicionários de Tipo 1 e 2 têm em comum o fato de que devem atender a demandas pedagógicas dos cinco primeiros anos do ensino fundamental. Como sabemos, esses são os anos consagrados ao letramento e à alfabetização iniciais (três primeiros anos ou *primeiro ciclo*), assim como à consolidação desse processo (dois últimos anos ou *segundo ciclo*).

Os Dicionários de Tipo 3 e 4, por seu porte, formato e objetivos, os dicionários desses dois tipos muito se aproximam dos que se dirigem ao público geral, embora tenham como foco o aluno do segundo segmento do ensino fundamental (Tipo 3) e do ensino médio (Tipo 4). Por suas características, todos eles podem, como veremos, prestar bons serviços ao processo de ensino e aprendizagem.

Podemos, a partir do estudo do dicionário, produzir um cenário de aprendizagens

fantásticas dos alunos, dicionário é “um lugar privilegiado de lições sobre a língua” (KRIEGER, 2003, p. 71).

Fora ou dentro da escola, um dicionário pode prestar muitos e variados serviços, cada um deles associado a um determinado aspecto da descrição lexicográfica, ou seja, do conjunto de explicações que ele fornece sobre cada uma das palavras registradas.

Para Biderman (1984, p. 28), “o dicionário é um instrumento cultural que remete tanto à língua como à cultura”, isso pode revelar a cultura de determinados grupos. Nas aulas de Língua Portuguesa, comumente, se usa dicionário para sanar dúvidas quanto ao uso de uma palavra ou expressão, para verificar a grafia correta de determinado lexema.

É notório que a proposição geral do Programa Nacional do livro Didático PNLD/2012, representando uma nova política de seleção e aquisição de dicionários para uso na escola, deve repercutir positivamente sobre a produção lexicográfica brasileira voltada à escola.

2.1 Da política pública à sala de aula

Desde o ano de 2006, o PNLD Dicionários objetiva equipar as unidades escolares com dicionários de diversas titulações, possibilitando para os professores mais recursos pedagógicos para desenvolvimento de um bom trabalho.

Os dicionários são ferramentas essenciais para todos. Eles nos ajudam a comunicar, encontrar informações e compreender novos conceitos. Além disso, eles são usados para estudar o desenvolvimento da linguagem e promover a alfabetização. Todos os anos, muitos novos dicionários são publicados e incluídos nas bibliotecas públicas.

Dicionários são usados para muitas finalidades diferentes. Em primeiro lugar está a comunicação. As pessoas usam dicionários para escrever cartas, e-mails, tweets e outras formas de correspondência informal. Eles também são usados para determinar o significado de novas palavras que ouvimos ou aprendemos.

Além disso, os dicionários são usados para procurar palavras em livros de texto, fontes online e outros materiais de referência. Por último, mas não menos importante, os usuários de dicionários encontram vários usos para os dicionários de vários idiomas. Por exemplo, o dicionário coreano é útil para aprender o idioma coreano.

Cada dicionário é composto de várias seções, cada uma cobrindo um tópico específico. As seções principais de um dicionário incluem definições, origens de palavras e sinônimos e antônimos - tudo crucial para ajudar uma pessoa a entender o idioma. Outras subcategorias incluem listas de palavras comuns encontradas na literatura, matemática e outras disciplinas, bem como

apóstrofos, tremas e outros símbolos tipográficos exclusivos de certos idiomas. Todas essas subcategorias agregam valor aos usuários de idiomas em todo o mundo. Sinto falta das fontes.

Os dicionários são organizados alfabeticamente por tópico, exatamente como uma enciclopédia. Cada entrada começa com uma frase de tópico que apresenta o tópico em questão. Os parágrafos subsequentes listam termos e definições relevantes que ajudam os usuários a entenderem novas palavras.

Depois disso, geralmente há várias instâncias de tópicos relacionados seguidos por vários outros tópicos em um padrão recursivo - essencialmente criando uma estrutura hierárquica para recuperação de informações.

Comumente pode-se encontrar, em divergentes escolas espalhadas pelo Brasil, alunos com algum dicionário, malgrado a maioria dos professores não estejam preparados para trabalharem com a utilização desse material.

De acordo com o exposto, é importante haver métodos que sejam capazes de auxiliar os professores no processo de Ensino dos estudantes com a utilização do dicionário que, na maioria dos casos, não são feitos com excelência. Em suma, a metodologia é a precípua causa de aquisição de resultados não satisfatórios.

Os conteúdos que antes eram abordados no ensino tradicional, a partir de treinos cansativos, exercícios, com alunos sem conseguirem compreender o que faziam, para auxílio como ferramenta pedagógica utilizando o dicionário. Obtém-se, então, além da compreensão das palavras, que o estudante pode ser levado a um notável desenvolvimento do vocabulário e a um aprendizado bem mais agradável.

Desta forma, se as melhorias necessárias nas condições de trabalho dos professores e as adequações nas políticas públicas não ocorrem na velocidade necessária, podemos nos indagar acerca de o porquê não adotar um conjunto de ações concretas para agir com determinação e entusiasmo, ainda que em um primeiro momento, de modo individual, ou por meio de pequenos grupos.

O Ministério da Educação – MEC avaliou e selecionou, para as nossas escolas públicas, dicionários o mais possível adequados ao uso pelos estudantes no espaço escolar.

Os dicionários colaboram de forma significativa para o processo de ensino aprendizagem de todos os alunos matriculados nos anos básicos da escola. Porém, diferentemente dos livros didáticos de ensino de LP, as demandas didático-pedagógicas dos dicionários não têm sido exploradas. Normalmente, o processo de consulta à obra é limitado e o potencial de demandas que os dicionários proporcionam é desperdiçado. O motivo disso é, infelizmente, a falta de conhecimento técnico dos dicionários por parte dos professores de LP.

Um dicionário pode ser um instrumento bastante valioso para a aquisição de vocabulário e para o ensino e a aprendizagem da leitura e da escrita; e isso, para todas as áreas e para todas as horas, já que ler e escrever, dentro e fora da escola, fazem parte de muitas outras atividades. Evidentemente, torna-se necessário um olhar aguçado e acurado para a análise do trabalho envolvendo o Léxico.

Ao escrever, muitos autores acham útil consultar um dicionário. Um dicionário é um compêndio que contém o significado de palavras e frases. É um recurso valioso para escritores, pois os ajuda a redigir e editar seus trabalhos. Para usar um dicionário, devemos saber como usá-lo e entender seus usos.

Em síntese, usar o dicionário permite que encontremos informações sobre quase todos os assuntos apresentados. Por exemplo, se o aluno estiver escrevendo sobre astronomia, usar um dicionário o ajudará a encontrar informações sobre estrelas, constelações e planetas. Podemos usar seu conhecimento do dicionário para aprender novas palavras para alguma área de interesse.

Os níveis socioculturais de um falante acarretam enriquecimento do Léxico. Cabe destacar que é no ambiente familiar que o aprendizado da língua se produz, durante a infância a família fornece à criança recursos de linguagem que são fundamentais para a formalização de estruturas sintáticas e/ ou morfológicas que são internalizadas, de acordo com a perspectiva gerativa de estudo da língua.

A aprendizagem do vocabulário passa por fases desde a pré-linguística até a formação superior. O estágio desse desenvolvimento deve-se, também, aos elementos verbais e não- verbais, instala-se, portanto, a influência do meio. Por isso, afirma-se que o léxico pertence ao inventário aberto da língua, pois tanto pode incorporar novas unidades lexicais, como remanejar o significado daquelas que já pertencem ao nosso patrimônio vocabular.

Dessa forma, Krieger (2003) salienta o caráter pedagógico dos dicionários:

Entre tantas possibilidades, os denominados “dicionários de língua”, a mais prototípica das obras lexicográficas, ajudam a ler, a escrever, e a expressar-se bem, oferecendo-lhe informações sistematizadas sobre o léxico, seus usos e sentidos. Junto a isso, permitem-lhe saber da existência de algumas palavras, de como é escrita ou pronunciada e, por vezes, ainda o auxiliam a conhecer a origem dos vocábulos. Por tudo que contém, o dicionário é um lugar privilegiado de lições sobre a língua. Ao ser consultado, cumpre com sua missão didática, que está associada ao papel de código normativo, padrão referencial dos usos e sentidos das unidades lexicais de um idioma, que todo dicionário de língua desempenha (KRIEGER, 2003, p. 70-71).

Consequentemente, cada indivíduo deve aprender a desenvolver o vocabulário para ser participante mais ativo do conjunto social. Espaços plurais promovem o ensino de vários idiomas.

Nesses espaços, pessoas de diferentes classes sociais, áreas geográficas e níveis educacionais interagem entre si. Essa interação faz com que os indivíduos se tornem mais conscientes de suas características e valores.

QUADRO 1: Lista dos dicionários avaliados e selecionados pelo MEC em 2012 como aptos para distribuição nas escolas públicas.

Dicionário de tipo 1	1. Bechara, Evanildo. Dicionário Infantil ilustrado Evanildo Bechara. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011. [1.000 verbetes]
	2. Biderman, Maria Tereza Camargo & Carvalho, Carmen Silvia. Meu primeiro livro de palavras; um dicionário ilustrado do português de A a Z. 3 ed. São Paulo: Ática, 2011. [999 verbetes]
	3. Geiger, Paulo (org.). Meu primeiro dicionário Caldas Aulete com a Turma do Cocoricó. 2 ed. São Paulo: Globo, 2011. [1.000 verbetes]
Dicionário de tipo 2	1. Biderman, Maria Tereza Camargo. Dicionário Ilustrado de Português. 2 ed. São Paulo: Ática, 2009. [5.900 verbetes]
	2. Borba, Francisco S. Palavrinha viva; Dicionário ilustrado da Língua Portuguesa. Curitiba: Piá, 2011. [7.456 verbetes]
	3. Braga, Rita de Cássia Espechit & Magalhães, Márcia A. Fernandes. Fala Brasil!; dicionário ilustrado da língua portuguesa. Belo Horizonte: Dimensão, 2011. [5.400 verbetes]
	4. Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio ilustrado. Curitiba: Positivo, 2008. [10.243 verbetes]
	5. Geiger, Paulo (org.). Caldas Aulete –Dicionário escolar da língua portuguesa; ilustrado com a turma do Sítio do Pica--Pau Amarelo. 3 ed. São Paulo: Globo, 2011. [6.183 verbetes]
	6. Mattos, Geraldo. Dicionário Júnior da língua portuguesa. 4 ed. São Paulo: FTD, 2011. [14.790 verbetes]

	7. Saraiva, Kandy S. de Almeida & Oliveira, Rogério Carlos G. de. Saraiva Júnior; dicionário da língua portuguesa ilustrado. 3 ed. São Paulo: Saraiva, 2009. [7.040 verbetes]
Dicionário de tipo 3	1. Bechara, Evanildo (org.). Dicionário escolar da Academia Brasileira de Letras. 3 ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 2011. [28.805 verbetes]
	2. Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. Aurélio Júnior: dicionário escolar da língua portuguesa. 2 ed. Curitiba: Positivo, 2011. [30.373 verbetes]
	3. Geiger, Paulo (org.). Caldas Aulete –mini-dicionário contemporâneo da língua portuguesa. 3 ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011. [29.431 verbetes]
	4. Ramos, Rogério de Araújo (ed. resp.). Dicionário didático de língua portuguesa. 2 ed. São Paulo: SM, 2011. [26.117 verbetes]
	5. Saraiva, Kandy S. de Almeida & Oliveira, Rogério Carlos G. de. Saraiva jovem; dicionário da língua portuguesa ilustrado. São Paulo: Saraiva, 2010. [19.214 verbetes]
Dicionário de tipo 4	1. Bechara, Evanildo. Dicionário da língua portuguesa Evanildo Bechara. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011. [51.210 entradas (verbetes e locuções)]
	2. Borba, Francisco S. Dicionário Unesp do português contemporâneo. Curitiba: Piá, 2011. [58.237 verbetes]
	3. Houaiss, Antônio (org.) & Villar, Mauro de Salles (ed. resp.). Dicionário Houaiss conciso. São Paulo: Moderna, 2011. [41.243 verbetes]

	4. Geiger, Paulo (org.). Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011. [75.756 verbetes]
--	---

Fonte??????

Os dicionários tipo 3 são comumente utilizados para atendimento aos alunos do Ensino Fundamental II – do 6º ao 9º ano, turmas foco da nossa pesquisa. Essa política pública foi muito importante para a didatização dos dicionários para os estudantes. Não conseguimos entender um aluno de Ensino Fundamental I com um dicionário classificado como de tipo 4 por exemplo, que é destinado aos alunos do Ensino Médio/ Educação superior.

Baseamo-nos na política pública do PNLD dicionários 2012 para destacar a ajuda desse suporte teórico que o professor pode utilizar com os estudantes.

Os alunos precisam compreender que a Língua está em constante transformação, e que ela pode variar a depender de fatores geográficos, socioeconômicos, culturais, faixa etária, profissão e outrem. Descrever como a linguagem funciona parte de um princípio de controvérsias em relação à gramática normativa, ou seja, se há contradição na normatividade, faz-se necessário uma abordagem que busque explicar o outro lado da história dessa teia de normas.

A escola precisa propiciar aos estudantes momentos de reflexão para que o aluno escolha a maneira de falar e escrever utilizando os recursos e os estilos em diferentes situações comunicativas. Na escola, o aluno pode encontrar o acesso a diferentes tipologias textuais, e que os aproxima da realidade social, bem como seu funcionamento.

O docente precisa ser o mediador de todo o processo, e o ensino de Língua Portuguesa deve se dar em um espaço onde as práticas de linguagem sejam compreendidas, pois o texto produzido pelos estudantes permite identificar os recursos linguísticos que eles já dominam. Por exemplo, em uma roda de leitura, podemos perceber que os modos de ler são discrepantes, da mesma forma, a leitura realizada por estudantes de faixas etárias diferentes trazem consigo níveis de experiências diferentes, considerando que os estudantes desenvolvem um tipo de comportamento e valores a depender do contexto em que estão inseridos na sociedade. E esses níveis de experiências também se revelam por meio da utilização do léxico (complementar com algo assim para manter a coesão/coerência dessas colocações com o léxico/dicionário).

Dado ao exposto, torna-se necessário uma revisão nas práticas de ensino de Língua Portuguesa com a utilização do dicionário em sala de aula.

CAPÍTULO 3

3 METODOLOGIA

Neste capítulo são detalhados os procedimentos metodológicos que foram adotados nesta pesquisa. O capítulo apresenta como foi realizada a seleção da escola para a coleta dos roteiros de estudo, dos participantes, dos instrumentos e dos materiais utilizados para obtenção de dados. Além disso, descreve como foram executadas as aplicações dos questionários e entrevistas com os professores do ensino básico.

As informações foram sistematizadas em seções que estruturaram o conteúdo da seguinte maneira: a primeira se ocupa de apresentar os objetivos, geral e específicos, da pesquisa. A segunda seção apresenta a contextualização do campo e os sujeitos participantes. A terceira descreve os instrumentos e os materiais adotados e, por último, na quarta seção são explicitadas considerações de como os dados foram analisados.

3.1 A pesquisa

Este trabalho apresenta uma análise qualitativa das questões apresentadas e se caracteriza por ser uma produção de fito bibliográfico, de questões relacionadas ao tratamento dado para o Léxico no processo de ensino-aprendizagem de língua na perspectiva dos estudos linguísticos apresentados por Biderman (2000). Os objetivos propostos nos direcionam para uma abordagem qualitativa de pesquisa. Suassuna (2009) afirma que a abordagem qualitativa coloca o pesquisador em posição de questionamentos que vão ser discutidos no decorrer da investigação.

Nesse sentido, assumimos uma posição de observadores das percepções estudantis sobre a concepção construída e/ou em construção sobre a aprendizagem de Língua Portuguesa e o que esses sujeitos pensam sobre os modos como a disciplina é ensinada. Optar por uma abordagem qualitativa requer a adoção de técnicas e instrumentos capazes de propiciar a observação do objetivo a ser pesquisado. Gunther (2006) explana que as escolhas de técnicas nas pesquisas qualitativas condizem com os objetivos e hipóteses do trabalho, com intenção de entender e interpretar os fenômenos observados. Reitera, ainda, que esse tipo de pesquisa pode fazer uso de procedimentos quantitativos, desde que dialogue com as necessidades do estudo.

A pesquisa tem como corpora a investigação das atividades que envolveram o Ensino do Léxico produzidas pelos professores nos anos de 2020-2021 nos roteiros de estudo, buscando investigar os objetos do conhecimento: antonímia, paronímia, sinonímia e polissemia.

Como objetivo geral da entrevista na pesquisa, destacamos para a produção das arguições a seguinte pergunta:

- Entender como a utilização dos dicionários de tipo 3 podem contribuir de forma pedagógica no desenvolvimento de aquisição do vocabulário e resolução de atividades, nos roteiros de estudo do Componente Curricular de Língua Portuguesa, junto aos alunos do Ensino Fundamental II, durante o Ensino remoto emergencial?

Enfatizamos nossos olhares aos seguintes objetivos específicos

- Verificar se os dicionários foram considerados pelos professores como material didático nos roteiros de estudo?
- Destacar quais dicionários têm sido utilizados pelos alunos?
- Entrevistar os professores para entender de que maneira foi trabalhado o Ensino do Léxico.

Nossa hipótese é de que não houve atividades voltadas à utilização de dicionários nos roteiros de estudo por parte dos professores.

3.2 Campo e sujeitos da pesquisa

O Colégio Militar do Estado do Tocantins - Jorge Humberto Camargo fica localizado no bairro Coimbra, em Araguaína/TO. Possui uma ampla estrutura para atender aos alunos com pátios internos e externos, quadra coberta, sala de vídeo e biblioteca, funciona em tempo integral. A escola atende o ensino fundamental II.

O horário de funcionamento vai das 7h às 17h30. A escola possui um total de 752 alunos, 01 Diretora Geral, 01 vice-diretor, 35 Professores, 02 Orientadores educacionais, 03 orientadoras pedagógicas, 19 merendeiras, 04 auxiliares de serviços gerais e 03 auxiliares de secretaria.

O corpo docente e administrativo pedagógico da escola conta com o apoio dos pais de alunos que foram inseridos voluntariamente em uma participação mais ativa dentro da escola. A gestora da escola mantém uma boa relação com os alunos e a comunidade onde está inserida a escola, pois ela tem um vínculo de aproximação e acessibilidade com todos.

3.3 A coleta de dados

O primeiro instrumento de geração de dados foram os roteiros de estudo. Inicialmente, para a coleta dos roteiros de estudo, foi solicitada à coordenadora da área de Linguagens e Códigos a autorização dos professores para que pudessemos realizar a pesquisa junto aos roteiros de estudo. Gentilmente todos concordaram e começamos a nossa busca.

Entre várias caixas de papéis espalhadas pelo colégio, ficamos pensando em como fazer para coletar todo o material de pesquisa, pois eram muitos papéis fora do lugar (turma de origem, misturados com áreas do conhecimento), por exemplo, muitos dos roteiros de estudo de Língua Portuguesa estavam misturados com Ciências, História, Geografia.

Pensamos, então, em solicitar à coordenadora de área o material virtual dos professores, pois facilitaria muito a pesquisa. De bom grado, a coordenação permitiu. Começamos a pensar no que iríamos coletar de material para análise, o que já era esperado, material que tivessem questões que envolvessem os objetos do conhecimento: antonímia, paronímia, sinonímia e polissemia.

As turmas de coleta dos roteiros de estudo seguiram um duradouro percurso que vai de 2020 a 2021. Os anos selecionados para a coleta dos dados foram os 6º, 7º e 8º e 9º anos.

3.3.1 O Questionário

O segundo instrumento de geração de dados foram os questionários. Foi produzida uma pesquisa no Google Forms com um formulário para ser aplicado/ enviado aos quatro (4) professores da Unidade Escolar, baseado nas perguntas da tese de doutorado da professora Ana Paula Tribesse Patrício Dargel (ANO?).

As 38 perguntas abordam assuntos que vão desde o nível de formação à produção do roteiro, especialização, além das dificuldades encontradas para a produção do material pedagógico no contexto pandêmico. Esse capítulo da pesquisa serve para reservar um espaço destinado com os professores, produtores autóctones dos roteiros de estudo, que concordaram em participar da pesquisa.

Os dados foram lidos, coletados e, a partir disso, produzidas figuras nesta dissertação, sendo elas (1, 2, 3 e 4), além da seleção das perguntas de número 9, 31, 32, 36 e 37, que trazem considerações dos professores acerca desse período atípico no colégio, bem como um registro de angústias e preocupações com o ensino de Língua Portuguesa aos estudantes, uma vez que nem todos os estudantes possuíam acesso à tecnologia para visualizarem as videoaulas indicadas pelos docentes no material de apoio, nos roteiros de estudo, pois o conhecimento sobre o léxico é uma

das competências essenciais para a compreensão de uma língua, uma vez que envolve fatores relacionados às práticas sociais, à cultura, à história e à identidade dos falantes.

QUADRO 2: Pesquisa realizada com os professores

Nome:	
Naturalidade:	Data de nascimento:
1 - Há quanto tempo mora em Araguaína-TO?	Resp.:
2A - Onde você estudou Ensino Fundamental: 1 ^a a 4 ^a ?	() Escola Pública () Escola Privada
2B) Onde você estudou Ensino Fundamental: 5 ^a a 8 ^a ?	() Escola Pública () Escola Privada
3A) Possui Ensino Superior ?	() Sim - () Não
3B) Especialização em Língua Portuguesa?	() Sim - () Não
3C) Há quanto tempo leciona Língua Portuguesa?	Resp.:
4) Por que decidiu ser professor de Língua Portuguesa?	Resp.:
5) Você gosta de ser professor de Língua Portuguesa? Por quê? Resp.:	
6) Em quais momentos se sente gratificado com a sua profissão? Resp.:	
7) Você já participou de cursos de capacitação para o ensino de Língua Portuguesa? Resp.:	
8) Como você realizou as aulas de leitura durante a pandemia? Resp.:	
9) O que você entende por léxico e vocabulário? Resp.:	
10) Quantas aulas foram destinadas para a leitura semanal durante a pandemia? Resp.:	

11) O que você entende por aula de leitura? Resp.:
12) Houve interesse por parte dos alunos nas aulas de leitura? Resp.:
13) Como eles demonstraram esse interesse? Resp.:
14) De que forma foi trabalhada a dúvida do aluno a respeito de uma determinada palavra? Resp.:
15) Seus alunos possuíam dicionário? Resp.:
16) Eles sabiam como usar o dicionário? Resp.:
17) Você incentivou o uso do dicionário? Em quais momentos? Resp.:
18) Qual foi o resultado? Resp.:
19) A escola ofereceu dicionários quando os alunos não possuíam um? Resp.:
20) Você sempre leva um dicionário para a sala de aula presencial ou on-line? Resp.:
21) Quando acontece de você ter esquecido o dicionário e os alunos também, o que você faz? Resp.:
22) Quando o aluno não entende uma palavra, o que você faz para que ele a compreenda?

Resp.:
23) Você acha importante o ensino de vocabulário? Por quê? Resp.:
24) Como se processa esse ensino? Que dificuldades você encontra no ensino de vocabulário? Resp.:
25) Você acha que seus alunos conseguem aplicar na produção de textos as palavras aprendidas nas aulas de Língua Portuguesa? Resp.:
26) O que você considera mais importante ser trabalhado nas aulas de Língua Portuguesa? Por quê? Resp.:
27) Para você qual deve ser o objetivo das aulas de Língua Portuguesa? Resp.:
28) Como você demonstra para o aluno as diversas possibilidades de leitura de uma palavra? Resp.:
29) O que você acha que seus alunos preferem estudar nas aulas de Língua Portuguesa? Em que você se baseia para afirmar isso? Resp.:
30) Você percebe que seus alunos incorporam no vocabulário ativo as palavras novas aprendidas nas aulas de Língua Portuguesa? Resp.:
31) Quais recursos foram utilizados em suas aulas durante a adoção do modelo de ensino remoto emergencial? Resp.:
32) O aluno demonstrou curiosidade em aprender palavras novas? Como você notou isso no roteiro de estudos? Resp.:

33) Conte alguma experiência que você teve nesse aspecto e considera interessante ser destacada. Resp.:
34) Por que achou interessante a experiência? Ou – Por que você acha que não teve nada interessante? Resp.:
35) Como você gostaria de trabalhar as aulas de leitura e conseqüentemente as de vocabulário? Por que não ocorrem dessa forma? Resp.:
36) Durante a pandemia foi solicitado aos alunos, por meio dos roteiros de estudo, a utilização dos dicionários virtuais? Resp.:
37) Se sim, quais dicionários on-line/virtuais foram solicitados? Resp.:
38) Você observou se alguns alunos fizeram uso de recursos tecnológicos para buscar palavras na rede (significado- ortografia)? Resp.:

3.4 Método de análise dos dados

Esta dissertação está fundamentada pelas teorias das Ciências do Léxico, que se divide em três grandes áreas: Lexicologia, Lexicografia e Terminografia.

Para realizar a análise das pesquisas foram consideradas as seguintes categorias: *locus* da formação; temas; subtemas, conteúdos e propósitos; metodologias ou procedimentos adotados durante o ensino remoto emergencial.

Foi realizado um recorte das atividades que pôde/poderiam envolver o ensino do léxico: antonímia, paronímia, sinonímia e polissemia. Em algumas atividades selecionadas, tiramos um print do roteiro de estudos para recortar melhor os enunciados produzidos pelos professores. verificamos, nas análises, que muitas das atividades selecionadas foram copiadas da internet.

Em seguida, o critério para a seleção da atividade em que pôde/poderia ter sido utilizado pelo estudante o uso de dicionário se deu pelo enunciado de cada atividade, para isso, foi realizada uma busca esmiuçada de recortes para a produção da pesquisa. Tabelas e quadros foram produzidos e divididos em:

A	Nível de ensino: (6° ao 9° ano) E.F II,
B	Ano de produção (2020-2021),
C	Bimestre da produção do roteiro (1°, 2° 3° ou 4°),
D	Seleta da questão- antonímia, paronímia, sinonímia e polissemia.

As análises das questões tratadas na entrevista estão alocadas no mesmo espaço das análises das perguntas do questionário, já que o segundo instrumento buscou confirmar (ou não) as hipóteses e desvelar os fenômenos analisados no primeiro instrumento. Quantas atividades foram analisadas?

CAPÍTULO 4

4 ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS

Este capítulo destina-se à análise dos resultados obtidos na pesquisa das questões dos roteiros de estudo. Para isso, selecionamos questões que envolvem o ensino de antonímia, que é a relação que se estabelece entre palavras de sentidos opostos. Essas palavras, que exprimem ideias contrárias, são chamadas de “antônimas”. A paronímia é a relação estabelecida entre duas (ou mais) palavras que apresentam uma estrutura parecida e um significado diferente e não relacionado entre si. A semelhança estrutural pode ser na grafia (na escrita) ou na pronúncia (no som) dessas palavras. A sinonímia, que é a relação que se estabelece entre palavras de sentidos semelhantes. Vale destacar que há semelhança de sentido, não igualdade de sentido. As palavras que apresentam significados parecidos são chamadas de sinônimas. A polissemia é a capacidade que uma palavra tem de apresentar diferentes significados, conforme o contexto em que é utilizada.

Ferdinand Saussure, no Curso de Linguística Geral (1970, p. 142-7) escreveu sobre a rede de associações que se desenvolvem em torno de uma palavra e afirma que: “Um termo dado é como o centro de uma constelação, o ponto para o qual convergem outros termos coordenados cuja soma é indefinida”. (SAUSSURRE, 1970, p. 146)

O campo léxico é, pois, uma estrutura paradigmática primária do léxico, ou, melhor dizendo, é a estrutura paradigmática por excelência. As relações internas de um campo léxico, enquanto estrutura de conteúdo, são determinadas pelas oposições semânticas em que funcionam.

A seguir, apresentamos os fragmentos de atividades dos roteiros.

Ilustração 1A – Fragmento do RTDE .6º ano EFII 2020- 3º bimestre

9. (São José 2014) Assinale a alternativa em que há palavras antônimas, ou seja, têm o significado contrário.
- a. () Ele quer progredir, ficar rico.
 - b. () Sou servidor ativo, trabalhador.
 - c. () Esta carga é leve, parece pluma.
 - d. () Entre à esquerda, depois vire à direita.

Ilustração 1B – Fragmento do RTDE .6º ano EFII 2021- 1º bimestre

6. De acordo com o texto, assinale a alternativa em que as duas palavras não são sinônimas.

- a. () filhote • cria
- b. () odor • cheiro
- c. () cuidar • tratar
- d. () perto • longe

Neste roteiro de estudos, observamos o uso de atividades que tentam engendrar no estudante o aprendizado acerca de dois objetos do conhecimento: antonímia e sinonímia, que também foram trabalhados nos roteiros de estudo durante os períodos acima elencados.

Para que se aprimore o ensino do léxico, é necessário:

1. Conhecer as características do léxico: É importante que o professor conheça as características do léxico, como a relação entre palavras, a formação de palavras, a variação linguística.

Entendemos que o Ensino do Léxico, nessa atividade, foi bastante enriquecedor, uma vez que, de maneira simplista, o professor leva o aluno a entender as relações de oposição e aproximação de palavras do cotidiano, como: odor, cheiro, perto, longe. Essas palavras fazem parte do universo do aluno. Lembramos, que durante a adoção do modelo de Ensino Remoto Emergencial, todos os professores tentaram adaptar ao máximo atividades acerca de todos os objetos do conhecimento, com o fito de fazer com que o estudante desse uma devolutiva.

Para Biderman (ano), o ensino do léxico deve ser realizado de forma contextualizada e significativa para os alunos. Isso significa que o professor deve relacionar o ensino do adolescente com as situações reais de uso da língua, mostrando aos alunos como as palavras são utilizadas em diferentes contextos e situações.

Além disso, o ensino do léxico deve ser baseado na seleção de cuidados de palavras relevantes e gerados para os alunos, levando em consideração suas necessidades e interesses linguísticos. O professor deve buscar palavras que possam ser úteis e relevantes para os alunos em suas atividades cotidianas, bem como para sua compreensão de textos escritos e falados.

Outro aspecto importante do ensino do léxico, segundo Biderman, é a exploração da relação entre as palavras, tanto em termos de significado quanto de formação. O professor deve ensinar aos alunos não apenas o significado das palavras, mas também como elas se relacionam com outras palavras na língua, como as palavras são formadas e como elas podem ser modificadas.

Por fim, o ensino do léxico deve ser acompanhado de atividades práticas e interativas, que provavelmente os alunos explorem e utilizem as palavras em diferentes contextos e situações. O professor pode utilizar jogos, atividades de escrita e fala, exercícios de compreensão de texto e outras atividades que ajudem os alunos a desenvolver suas habilidades linguísticas e compreender melhor o léxico da língua.

Verifica-se em (1A), na questão selecionada de número (9), a ocorrência de um enunciado que faz com que o aluno seja capaz de marcar a alternativa correta. A questão que envolve como objeto do conhecimento a antonímia¹ traz alternativas que trabalham no aluno palavras de sentido contrário.

Cançado (2008, p. 45) entende que a relação semântica da antonímia é “uma oposição de sentidos entre as palavras”; assim sendo, a antonímia está localizada no campo semântico e abrange palavras que, quando comparadas umas com as outras, possuem sentidos opostos, contrários.

Ou seja, a sinonímia é a relação entre dois ou mais termos que preservam uma definição comum. A mesma definição pode ser usada para explicar cada termo. Para nós, seria muito mais produtivo e interessante se fosse solicitado ao aluno não apenas marcar a alternativa correta das palavras antônimas, mas também a criação de frases, ou que ele explicasse a diferença existente nessa relação – visto que *entre à esquerda* e *depois vire à direita* são expressões utilizadas para explicar a alguém determinado local, entretanto o significado não é o mesmo e, portanto, a aplicação semântica de cada um é diferente.

Logo, o aluno seria levado a escolher como resultado a letra d. Todos os outros destratores não são respostas corretas.

Segundo Ilari (2001), uma das características que empobrecem o ensino da língua materna é a pouca atenção reservada ao estudo da significação, comparado ao tempo que se gasta com o ensino de outros conteúdos gramaticais. Para ele, esse descompasso é problemático quando se pensa na importância que as questões da significação têm, desde sempre, para a vida de todos os dias, e no peso que lhe atribuem hoje, com razão, em alguns instrumentos de avaliação importantes, tais como a Prova Brasil, o Exame Nacional do Ensino Médio, os vestibulares que exigem interpretação de textos e o Exame Nacional de Cursos (p. 11????).

“A partir da apropriação dos conhecimentos teórico e prático de utilização dos dicionários, o professor de LP reconhece o potencial de tal obra como ferramenta

¹ De acordo com o Dicionário Aurélio (ano) a Antonímia, Classe gramatical: substantivo feminino, separação silábica: an-to-ní-mi-a, plural: antonímias é o estudo ou caráter das palavras semanticamente opostas.

pedagógica. Ao mesmo tempo, e em consequência disso, reafirma o valor cultural desse tipo de obra, atuando significativamente no processo de gramatização do português do Brasil". (RANGEL, 2011 p. 51).

Ademais, quando o assunto é o dicionário escolar, ainda contamos, na maioria das vezes, com as dificuldades apresentadas pelo consulente com o seu manuseio. Em muitos casos, tanto professor quanto aluno não estão aptos a "aproveitar" todas as possibilidades dessas obras lexicográficas.

Pudemos constatar que, especialmente acerca da questão selecionada que compõe parte integrante do corpus deste trabalho, os exercícios sugeridos pelos professores nos evidenciam propostas que não estimulam o aluno a refletir sobre o fenômeno da antonímia, conforme afirmamos anteriormente, uma importante relação semântica que está presente na comunicação humana, delimitando-se apenas a exigir que ele apresente antônimos de determinadas palavras retiradas de textos.

Em (1B) selecionamos a questão de número (6) que trabalha com o objeto do conhecimento sinonímia². Notamos que a utilização dos conhecimentos de antonímia são necessários para responder a essa questão. Logo, temos como gabarito a questão d.

Analisando o exercício proposto, percebemos o empobrecimento do tema e o engessamento do aluno quanto a sua percepção do que realmente possa ser o fenômeno da sinonímia.

Acreditamos que é possível introduzir noções de aplicabilidade da sinonímia em diversas situações de uso da língua. Sugerir aos alunos que criem frases curtas utilizando as diferentes palavras do quadro e, depois, pedir para que comparem o sentido de cada uma das sentenças elaboradas, seria uma boa alternativa para o simples agrupamento de palavras.

Valorizamos e entendemos que o professor estava inserido em um contexto atípico e por isso destinar o 3º bimestre à antonímia e o 1º bimestre à sinonímia ajudou, sim, o estudante a classificar as palavras de acordo com a proposta do enunciado. Também verificamos que muitas das questões dos roteiros de estudo foram retiradas da internet.

Segundo afirma Lima (2010, p. 21), ao refletir sobre o estudo de sinônimos de maneira isolada,

[...] a língua é um processo dinâmico, no qual a escolha dos signos pelo falante/autor em dada situação enunciativa está repleta de carga ideológica, de pressupostos e subentendidos, os quais não são estudados no processo de

² De acordo com o Dicionário Aurélio (ANO??) a sinonímia é a relação de sentido entre duas palavras (vocábulo) que possuem significação muito particular ou própria.

ensino/aprendizagem, dificultando a compreensão dos textos por parte dos educandos.

Ou seja, o pouco espaço dado ao estudo dos temas relacionados à semântica e, conseqüentemente ao da sinonímia, somado às abordagens prescritivas e descontextualizadas, propostas nos roteiros de estudo, desfavorecem o desenvolvimento do aluno leitor /escritor.

No livro “Introdução ao estudo do léxico – brincando com as palavras”, Rodolfo Ilari oferece uma abordagem que tem por objetivo fazer um alerta para os fatores que afetam a escolha entre palavras de sentido próximo. Em seu trabalho, Ilari (2005, p. 169) apresenta o seguinte conceito:

Os sinônimos são palavras de sentido próximo, que se prestam, ocasionalmente, para descrever as mesmas coisas e as mesmas situações. Mas é sabido que não existem sinônimos perfeitos: assim, a escolha entre dois sinônimos acaba dependendo de vários fatores a serem explorados

Ilustração 2A – Fragmento do RTDE .7º ano EFII 2020- 2º bimestre

Examine a tirinha e responda ao que se pede.



Quino, **Mafalda 2**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

7. Qual palavra da HQ dá ideia de polissemia:

- a) cultura
- b) veículo

- c) tv
- d) saltava

Para nossas análises de (2A) e (2B) selecionamos as atividades dos roteiros de estudo do 2º bimestre de 2020 e 1º bimestre de 2021, questões essas que envolvem o objeto de conhecimento polissemia.

Verificamos que as atividades selecionadas envolvem o objeto de conhecimento polissemia. Podemos inferir que a intenção do professor foi a de aprimorar o conhecimento dos alunos em relação às múltiplas possibilidades de significado de uma mesma palavra.

Ao trabalhar com o conceito de polissemia, o professor busca mostrar aos alunos que as palavras podem ter mais de um significado, dependendo do contexto em que são utilizadas. Isso é importante para que os alunos compreendam melhor a língua e sejam capazes de interpretar textos escritos e falados de forma mais precisa e completa.

Além disso, o trabalho com a polissemia também ajuda os alunos a ampliarem sua compreensão e compreenderem melhor a relação entre as palavras na língua. Ao conhecerem as diferentes possibilidades de significado de uma palavra, os alunos podem explorar novas formas de utilização da língua, enriquecendo seu repertório linguístico e desenvolvendo sua habilidade de comunicação.

Em (2A), presenciamos uma tirinha de Mafalda que envolve narrativa humorística do ponto de vista da interpretação pragmática³. Também, notamos que a intenção do professor foi a de trabalhar com os alunos o conceito de pragmática da linguagem.

A pragmática é um dos ramos da linguística que estuda a relação entre a linguagem e o contexto em que ela é utilizada. Nesse sentido, a interpretação pragmática envolve a compreensão do significado de uma expressão ou enunciado a partir do contexto em que ele é utilizado.

Na tirinha de Mafalda, pode haver elementos que propiciaram uma interpretação mais complexa, pois o humor muitas vezes se baseia em jogos de palavras, ironias e ambiguidades. Dessa forma, a compreensão do significado desses elementos exige uma análise mais aprofundada do contexto em que a tirinha foi produzida.

³ Um dos primeiros estudiosos a usar o termo pragmática foi o filósofo americano Peirce (1839), em seu artigo *How to make our ideas clear*. Nele, o autor escreve sobre a tríade pragmática: as relações entre signo, objeto e interpretante. Por meio desse esquema, Pierce estabelece uma relação entre o que se diz, a quem esse dito remete e o que ele significa. A filosofia de Peirce trouxe importantes contribuições para o entendimento da linguagem. Sua compreensão entre pensamento e signo foi responsável pelo surgimento da semiótica, uma visão de como o homem significa aquilo que o rodeia e dos processos da linguagem.

Ao trabalhar com essa atividade, o professor busca desenvolver nos alunos a habilidade de interpretar textos de forma mais ampla, considerando não apenas o significado literal das palavras, mas também as nuances e sutilezas que podem estar presentes no contexto em que o texto foi produzido. Isso é importante para que os alunos possam compreender melhor as diferentes formas de uso da língua e sejam capazes de se expressar de forma mais adequada e eficaz em diferentes contextos.

O sentido do texto se faz com base na polissemia de uma palavra. O enunciado pede para que o aluno identifique essa palavra e explique por que a indicou. A tirinha visa produzir não só efeito humorístico mas também efeito crítico. Achamos que o professor acertou na escolha dessa questão, pois faz com que o aluno pense na significação polissêmica da palavra *veículo*.

De acordo com o Dicionário Aurélio (2023), a palavra *veículo* assume várias significações, dentre as quais podemos destacar: substantivo masculino- 1 Qualquer meio de transporte. Viatura movida a motor; carro, automóvel. 2 [Por Extensão] Tudo o que transmite algo; condutor: o ar é o veículo do som. Qualquer meio utilizado para difundir uma mensagem publicitária. 3 O que é capaz de auxiliar ou promover: veículo de incentivo a qualquer meio de divulgação visual, auditiva ou audiovisual, que recebe autorização de inserção e divulgação de mensagens de propaganda ao público por preços fixados em suas tabelas. Exemplos com a palavra *veículo*:

- De acordo com informações da Secretaria da Segurança, dois criminosos, vestidos de branco, desceram do **veículo**, atiraram contra a vítima e fugiram. *Folha de S.Paulo, 26/06/2009*
- As outras duas fábricas que competiam pela produção do **veículo** (de Spring Hill e de Janesville) serão fechadas temporariamente. *Folha de S.Paulo, 26/06/2009*
- O problema se deve ao fato de que uma rocha na parte inferior do **veículo** --que tem o tamanho de uma lavadora doméstica-- impede que outras rodas se assentem sobre a superfície. *Folha de S.Paulo, 26/06/2009*.

A polissemia tem a função de atribuir a uma mesma palavra diferentes valores semânticos, dependendo do contexto em que a mesma esteja inserida. Na tirinha, a palavra que adquire esse valor é “veículo”. No primeiro quadrinho, esse termo ganha o significado de transmissão, meio de comunicação, enquanto que no quarto quadrinho, a palavra “veículo” é retomada com o valor semântico de condução, meio de transporte.

Em (2B), a seguir, presenciamos, também, um enunciado voltado à polissemia⁴.

Ilustração 2B – Fragmento do RTDE .7º ano EFII 2021- 1º bimestre



A mensagem dessa tirinha apoia-se no duplo sentido de uma palavra através de um recurso:

- a) Balanço – polissemia;
- b) Vida – homonímia;
- c) Vida – polissemia;
- d) Balanço – sinonímia.

O léxico constitui um conjunto aberto em qualquer sistema linguístico e, por conseguinte, não apenas vastíssimo quando comparado com outros setores e níveis da língua (fonológico, morfológico, sintático) mas também em permanente expansão, sobretudo numa língua de civilização.

Para determinar as unidades léxicas de um discurso, ou de um corpus, o linguista deverá operar, simultânea e sucessivamente, com três critérios: 1) Fonológico – “uma sequência fônica, que constituísse uma emissão completa, após a qual a pausa é possível” 2) Gramatical (morfo sintático) – “classificação gramatical da palavra, em função dos marcadores morfo sintáticos que apresenta e a função que exerce na sentença” 3) Semântico – identificação da unidade léxica expressa no discurso (BIDERMAN, 1978, p. 104).

Destacamos a palavra *balanço* como efeito de polissemia, pois consideramos no contexto apresentado os elementos verbais e não verbais da tirinha, *balanço* com sentido de balançar- verbo, ou, balança- altera a classe gramatical, ou seja, instrumento que serve para pesar.

De acordo com o Dicionário Michaelis *balanço* é um s.m com as seguintes significações:

Não apareceram as significações do Michaelis.

Figura x: Verbetes para “balanço

⁴ De acordo com o Dicionário Michaelis a polissemia é um sf. GRAM, LING Propriedade que uma palavra tem de assumir vários sentidos.

Fonte: Aulete Digital⁵



Verbetes Atualizado
Verbetes Original

balanço

(ba.lan.ço)
AAAA

sm.

1. Ação ou resultado de balançar(-se)
2. Movimento alternativo em sentidos opostos; OSCILAÇÃO; VAIVÉM: *Enjoou com o balanço do barco.*
3. Oscilação natural do corpo ao andar; MENEIO; REQUEBRO; REQUEBRADO: "...Num doce balanço a caminho do mar." (Vinícius de Moraes, *Garota de Ipanema.*)
4. Brinquedo que consiste em um assento suspenso por cordas ou correntes presas a um suporte no alto, em que a criança se senta, e que oscila com o impulso do corpo;

BALOUÇO

5. **Mús.** Ritmo e andamento característicos de certo tipo de música ou da forma usual de executá-la (p.ex., para dançar): *Tocou uma valsa com balanço de bolero*
6. Exame minucioso de uma situação, esp. para avaliar a relação ou proporção entre seus vários aspectos, entre pontos positivos e negativos, etc.; ANÁLISE: *um balanço das realizações do governo: "Depois de um balanço sobre as possibilidades de triunfo dos liberais..." (Luís Viana Filho, A vida de Rui Barbosa.)*
7. Análise comparativa: *O estudo faz um balanço entre rigor e liberdade.*
8. Relação de equilíbrio; boa proporção entre coisas distintas ou opostas: *o time buscou um*

Na questão apresentada, os professores pretenderam envolver o pensamento polissêmico do estudante com uma simples palavra, se os professores tivessem requerido o uso do dicionário para essa questão, o aprendizado teria sido bem mais aproveitado, porque a significação e a classe gramatical não é a mesma.

Podemos perceber que, embora no texto escrito da tirinha o significado da unidade lexical “balanço” esteja mais voltado para a acepção 6 “exame minucioso de uma situação, especialmente para avaliar a relação ou proporção entre seus vários aspectos, entre pontos positivos e negativos”, a figura do homem se balançando no brinquedo leva ao significado da acepção 4, o que leva o

⁵ Disponível em <https://aulete.com.br/>, acesso em 14/09/2023

leitor a inferir que além do balanço dos pontos negativos e positivos de uma situação, também é necessário dar uma pausa e se divertir.

Podemos observar que a escolha de expressões e vocábulos não é arbitrária e aleatória, pois o autor – no caso, os compositores – deseja provocar no texto determinado efeito de sentido para cada palavra. Desse modo, para o autor, o leitor poderá atribuir a tais palavras um dado sentido e não outro, o que de fato não ocorre sempre.

O leitor constrói sentidos vários, como já se disse em seções anteriores deste trabalho, para o que lê, conforme as condições de produção da leitura. O sentido dado ao texto pelo leitor, muitas vezes, é bem diferente do esperado. Desta forma:

[...] casos em que uma expressão, sem prejuízo de seu sentido, assume uma significação real resultante da exploração de informações e expectativas dos interlocutores engajados numa conversação específica. O sentido que a expressão assume então no contexto de fala pouco ou nada tem a ver com o sentido que se poderia esperar para a expressão a partir das palavras que a compõem. (Ilari; Geraldi, 2000, p. 75).

Ilustração 3A – Fragmento do RTDE .8º ano EFII 2020- 3º bimestre



O efeito de sentido da charge é provocado pela combinação de informações visuais e recursos linguísticos. No contexto da ilustração, a frase proferida recorre à

- a) polissemia, ou seja, aos múltiplos sentidos da expressão "rede social" para transmitir a ideia que pretende veicular.
- b) ironia para conferir um novo significado ao termo "outra coisa".
- c) homonímia para opor, a partir do advérbio de lugar, o espaço da população pobre e o espaço da população rica.
- d) personificação para opor o mundo real pobre ao mundo virtual rico.

Ilustração 3B – Fragmento do RTDE .8º ano EFII 2021- 1º bimestre



Quino. *Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 1988. p. 94-95.

Em termos verbais, o humor da tira é construído a partir da polissemia presente na palavra

- a) engenheiro
- b) resolvido
- c) cadeira
- d) grande

Ao mencionar que a atividade (3A) envolve o trabalho com a polissemia e apresenta um contexto rico para que o aluno possa refletir sobre a Língua Portuguesa e sua riqueza humorística, podemos inferir que a intenção do professor foi a de desenvolver nos alunos a habilidade de compreender as múltiplas possibilidades de significado de uma mesma palavra, explorando essas possibilidades de forma criativa e humorística.

O contexto apresentado na atividade, que envolve uma carga ou meme que brinca com o termo "rede social", demonstra como a polissemia pode ser explorada de forma criativa para gerar humor e entretenimento. O trabalho com esse tipo de material ajuda os alunos a compreenderem que a língua é dinâmica e que as palavras podem ser utilizadas de diferentes maneiras em diferentes contextos.

Ao compreender as diferentes possibilidades de significado de uma palavra, os alunos podem ampliar seu caráter intuitivo e sua capacidade de se expressar de forma mais precisa e adequada em diferentes contextos. Além disso, o trabalho com a polissemia também ajuda os alunos a compreenderem melhor as nuances da língua e se tornarem leitores mais críticos e atentos às diferentes formas de uso da língua.

Ao discutir a questão acima, a polissemia é um tópico que vem imediatamente à mente. De fato, a polissemia é uma das três principais áreas de estudo da lexicologia (Fonte??). Refere-se ao fato de que palavras diferentes têm o mesmo significado em contextos diferentes. Uma palavra polissêmica pode ter vários significados, o que nos faz pensar em contextos.

Ao brincar com o jogo de elementos verbalizados e não verbalizados dentro de um contexto de humor satírico, verificamos que a palavra *rede* assume significação plural. Todas as

personagens da tirinha trabalham para recrudescer o humor garboso da questão, de que a desigualdade social é dantesca e torna a vida um tanto complicada.

Ao mencionar que, na tirinha em questão, a palavra "rede" assume um significado plural e é explorada de forma humorística em um contexto satírico, podemos inferir que a intenção do autor da tirinha foi a de criticar a desigualdade social e as dificuldades que ela pode causar na vida das pessoas.

A utilização da palavra "rede" de forma plural pode indicar a existência de diversas redes sociais, cada uma com suas características e finalidades. Nesse contexto, os personagens da tirinha trabalham para aumentar o humor satírico da questão, a fim de criticar a desigualdade social de forma bem-humorada.

Ao utilizar o humor como forma de crítica social, a tirinha pode levar os leitores a refletirem sobre a importância de se combater a desigualdade social e de se promover um maior equilíbrio na distribuição de recursos e oportunidades na sociedade. Além disso, a utilização criativa da língua, explorando suas múltiplas possibilidades de significado, pode ser uma forma de incentivar os alunos a ampliarem sua faculdade de? e desenvolverem sua criatividade e senso crítico.

Ao mencionar que o aluno foi levado a marcar a alternativa A em uma questão relacionada à pluralidade linguística e trazendo a definição da palavra "rede" de acordo com o Dicionário Michaelis, podemos inferir que a questão provavelmente envolveu a compreensão da variação linguística e a importância de se considerar diferentes formas de uso da língua em diferentes contextos e regiões.

A definição da palavra "rede" apresentada pelo Dicionário Michaelis pode ser considerada uma forma padronizada e formal de uso da língua, comum em contextos acadêmicos e formais. No entanto, é importante que os alunos compreendam que a língua é dinâmica e que existem diversas formas de uso dela em diferentes contextos e regiões.

Dessa forma, é fundamental que os alunos desenvolvam a capacidade de compreender e acompanhar a diversidade linguística presente em nosso país, reconhecendo a existência de muitas variedades linguísticas e valorizando a riqueza e a complexidade da língua portuguesa. Isso pode ser feito por meio do estudo das variações regionais, sociais e históricas da língua, bem como pela exposição de diferentes formas de uso da língua em diferentes contextos e mídias.

Trazemos a definição da palavra *rede* de acordo com o Dicionário Michaelis

Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa
 Sobre o dicionário Como consultar ▾ Noções gramaticais ▾ Créditos

Português Brasileiro ▾ Digite o termo desejado

rede

re·de

sf

- 1 **TECEL** Entrelaçamento de fios, cordões, arames etc., formando uma espécie de tecido de malha com espaçamentos regulares, em quadrados ou losangos, relativamente apertados, que se destina a diferentes usos.
- 2 **POR.EXT** Qualquer objeto feito desse trabalho de malha.
- 3 Dispositivo feito em tecido de malha, usado para apanhar peixes, borboletas, pássaros etc.
- 4 Dispositivo feito de material bastante resistente, usado para amortecer a queda de corpos.
- 5 Dispositivo esticado, instalado no centro de uma quadra (tênis, voleibol, *badminton* etc.) ou mesa (pingue-pongue), sobre a qual a bola ou a peteca deve passar durante o jogo.

Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/rede/>. Acesso em 09/06/2023.

Para o Dicionário Aulete (*re.de*) sf.



Verbetes Atualizado

Verbetes Original

rede

(*re.de*)

AAA

[ê]

sf.

1. **Têxt.** Tecido de malha larga e diversas finalidades, obtido com o entrelaçamento de fios, cordas que formam retângulos, losangos e outras figuras de tamanhos variáveis.
2. Utensílio desse tipo us. na pesca e em certas modalidades de caça
3. **P.ext.** Ardil, armadilha, estratégia: *Armou a rede para apanhar o ladrão*

Disponível em: <https://aulete.com.br/rede>. Acesso em 09/06/2023.

As muitas possibilidades de se trabalhar com uma única palavra durante a aula de Português é, sem dúvida, fantástica, porque nossa língua é rica e ao usarmos os termos? para proferir sentenças são realizadas muitas significações que dependem de um contexto para se engendre essa prática.

Cançado (2005) defende que os falantes nativos de uma língua têm algumas intuições sobre as propriedades de sentenças e de palavras e as maneiras como essas sentenças e palavras se relacionam. Por exemplo, se um falante sabe o significado de uma determinada sentença, intuitivamente sabe deduzir várias outras sentenças verdadeiras a partir da primeira.

Esse comportamento linguístico é mais uma prova de que seu conhecimento sobre o significado não é uma lista de sentenças, mas um sistema complexo. Ou seja, o falante de uma língua, mesmo sem ter consciência, tem um conhecimento sistemático da língua que lhe permite fazer operações de natureza bastante complexas.

Para falarmos em rede social é necessário que o conjunto contextual, não verbal e verbal, faça todo o sentido para o aluno, as imagens ajudam a perceber as nuances da língua e ajudam o aluno a perceber a polissemia.

Sintetizamos que são um conjunto simultâneo de fatores linguísticos intratextuais e extratextuais que fazem com que o estudante compreenda este fenômeno.

Em (3B) presenciamos um trabalho voltado à polissemia presente na palavra *grande*. A tirinha de Mafalda traz um contexto bastante interessante acerca da plurissignificação da palavra em destaque.

De acordo com o Dicionário Michaelis, a palavra "grande" é classificada como um adjetivo masculino e feminino que pode ter as seguintes acepções:

Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa

Sobre o dicionário Como consultar ▾ Noções gramaticais ▾ Créditos

Português Brasileiro ▾ Digite o termo desejado

grande

gran·de

adj m+f

1 Que é de tamanho maior que o ordinário; avantajado, vasto: *“Vinha depois a grande sala de jantar, forrada de papel alegre; nas paredes distanciavam-se pequenos cromos amarelados, representando marujos de chapéu de palha, tomando genebra [...]”* (AA2).

2 Que é corpulento, alto e forte: *“Ele bloqueou a porta com o corpo. É melhor pagar, disse. Era um homem grande, mãos grandes e pulso forte de tanto arrancar os dentes dos fodidos. E meu físico franzino encoraja as pessoas”* (RF).

3 De extensão longa; comprido, longo: *“À esquerda dessa sala corre a grande escada que vem do segundo andar. E ao pé da grande escada há uma salinha que eles chamam de jardim de inverno, anexa ao pátio interno onde vivia o ficus. Eis minha irmã de peignoir, tomando o café da manhã numa mesa oval”* (CB).

Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/grande/>. Acesso em 09/06/2023.

Para o dicionário Aulete Digital a palavra grande traz as seguintes acepções:



Verbetes Atualizado

Verbetes Original

grande

(gran.de)

a2g.

1. Que tem dimensões avantajadas (grande réptil; nariz grande) [Antôn.: pequeno.
2. Amplo, extenso, vasto (grandes planícies)
3. Comprido, longo (cabelos grandes)
4. Que já está criado, crescido, desenvolvido: *Já tem filhas grandes*
5. Abundante, numeroso (família grande, grande exército)

Disponível em: <https://aulete.com.br/grande/>. Acesso em 09/06/2023.

Vale lembrar que a polissemia é uma característica presente em muitas palavras da Língua Portuguesa, ou seja, uma mesma palavra pode ter diferentes significados dependendo do contexto

em que é utilizada. Dessa forma, a lista de acepções apresentadas pode não ser completa e outras interpretadas podem ser encontradas em diferentes contextos de uso da palavra "grande".

Verifica-se que a significação à questão comentada encontra-se em s.m 1, e pode vir a ser confundida com o que significa adj, nas acepções (6) e (7). Segundo Ullmann (1964, p.331), "a polissemia é um traço fundamental da fala humana, que pode surgir de maneiras múltiplas"

De acordo com Vilela (1994), a Semântica, no plano linguístico, tem sido reinterpretada como uma ciência que estuda a significação ou estuda o conteúdo dos signos linguísticos de qualquer nível, sejam morfemas, lexemas, lexias, sintagmas, frases, texto. Já a Lexicologia é apresentada como a ciência do léxico de uma língua, fortemente ligada à Semântica, pois faz a análise da estrutura interna do léxico, suas relações e interrelações, tendo a palavra como unidade básica de estudo.

Quando pensamos em processo de significação, também pensamos em aspectos estilísticos, geográficos e socioculturais.

Algumas categorias do estudo da semântica abordadas foram: a) a sinonímia, significantes diferentes com significados quase idênticos; b) antonímia, conteúdo do signo mais oposto e relacionado; c) hiponímia, relação do conteúdo de natureza hierárquica; d) homonímia, fonologicamente e graficamente iguais com significados diferentes e; e) a polissemia, significados parcialmente idênticos.

Essa totalidade de palavras de uma língua são e fazem parte do léxico, que, como vimos, é totalmente suscetível a empréstimos linguísticos quando configuram conceitos que não fazem parte do vocabulário dessa língua, dada a importância de se conhecer a área de estudos.

Na continuidade do estudo semântico, discutimos sobre a antonímia, partindo da análise da "relação de oposição", mas, nessa abordagem, descobrimos que nessa relação há a complexidade de outros elementos para que o contraste de ideias seja apresentado.

Dessa forma, podemos afirmar que o estudo da semântica é importante para o aprimoramento da escrita, da leitura e da compreensão do discurso da língua, sendo essencial sua discussão no estudo da língua em todos os níveis educacionais, notadamente do léxico.

Ilustração 4A – Fragmento do RTDE .9º ano EFII 2020- 2º bimestre

A palavras que se repetem nas tirinhas, são classificadas como:



- a) Parônimas
b) Homônimas

homógrafas

c) Homônimas homófonas

d) Paronímias perfeitas

Ilustração 4B – Fragmento do RTDE .9º ano EFII 2021- 1º bimestre

3- Observe a tirinha de Mafalda:



De acordo com a leitura realizada na tirinha de Mafalda, o último quadrinho apresenta:

- a- Oração de período simples;
b- Oração de período composto;
c- Não há presença de orações pelo fato de não haver verbo;
d- É uma oração pois não apresenta verbos.

Em (4A), verificamos a presença de uma atividade bastante relevante ao estudante, que envolve o estudo das palavras que possuem o mesmo som, todavia são escritas com grafemas discrepantes. O uso de palavras que possuem o mesmo som, mas letras diferentes, é chamado de homonímia. Isso ocorre porque a pronúncia dessas palavras é a mesma, mas a grafia e o significado são diferentes. Algumas palavras homófonas comuns em português são:

- Acela / Ascela
- Aço / Asso
- Apreçar / Apressar
- Cela / Sela See More
- Censo / Senso
- Cessão / Sessão

- Cozer / Coser
- Descrição / Discrição
- Eminente / Iminente
- Estrato / Extrato
- Fato / Fato (verbo faturar no presente do indicativo)
- Fluir / Frui
- Inflação / Infração
- Lesar / Lazer
- Pauta / Paúta See More
- Tráfego / Tráfico

É importante lembrar que, apesar de serem homófonas, essas palavras têm significados diferentes e, portanto, devem ser aceitas em cada contexto. Além disso, é fundamental prestar atenção na grafia correta de cada uma delas para evitar erros de escrita.

Percebemos que, ao compreender como a língua funciona, é possível evitar erros de gramática, pontuação, ortografia e concordância, além de melhorar a clareza e a objetividade da comunicação.

Conseguimos presenciar um exemplo de homonímia na atividade classificada como homófono⁶. A riqueza do trabalho na tirinha com a palavra sexta- sesta- cesta, nos faz pensar no porquê não fora solicitado o apoio do Dicionário para facilitar ao aluno a resposta a essa questão. Fitarmos nosso olhar no potencial de ampliação do repertório lexical dessa questão que poderia ter sido bem mais explorada pelo professor.

Quando duas palavras têm a mesma pronúncia, elas são consideradas homônimas. Por isso quando duas palavras têm a mesma grafia, elas também são consideradas homônimas. Isso ocorre porque pessoas diferentes podem interpretar uma palavra com base em como ela é escrita.

Na atividade (4B), observamos que o professor do Componente Curricular Língua Portuguesa produziu a atividade para dar enfoque ao objeto de conhecimento: oração, frase e período, o que leva o estudante a identificar e classificar, com base na leitura da tirinha de Mafalda, o tipo de oração expressa. Ao longo da exposição crítica das diferentes teorizações acerca do léxico, foi sendo construída uma visão acerca destas áreas como uma organização dinâmica, ativa e fluida, constituída por estruturas e subestruturas diversas que agem em interface.

⁶ De acordo com o Dicionário Michaelis homófono é um adj. MÚS Que resulta de sons ou vozes iguais.

1. MÚS Diz-se de obra a parte de obra musical que apresenta homofonia. adj sm
2. GRAM Diz-se de ou cada uma de duas ou mais palavras com a mesma pronúncia, porém com grafia e significado diferentes; heterógrafo.

A classificação gramatical, também conhecida como análise sintática, é o processo de identificar as diferentes partes do discurso em uma frase e descrever como elas se relacionam para criar significado. Essas partes do discurso incluem substantivos, adjetivos, verbos, advérbios, preposições, conjunções e pronomes. A análise sintática pode ser útil para entender a estrutura das frases e para ajudar a melhorar a clareza e a precisão na comunicação escrita e falada.

O caráter mental do léxico conduz a que este se organize em redes de constelações baseadas em associações de caráter fonológico, morfológico, semântico e sintático. No exemplo acima, verificamos mais de perto algumas peculiaridades da organização interna do léxico, tais como as propriedades de produtividade e de criatividade, bem como fenômenos como a homonímia. Malgrado a atividade seja utilizada, meramente, para que o estudante marque o gabarito correto quanto ao tipo de oração.

Biderman (1981, p. 139) sugere:

[...] em virtude do número elevadíssimo dos elementos do léxico e da complexidade combinatória resultante desse número, é necessário supor que o cérebro organiza uma estrutura dos dados léxicos de grande funcionalidade, para que ele possa recuperar em frações mínimas de segundo (100 a 700 milissegundos) não só o significado de uma palavra, mas todas as suas características gramaticais e os usos que lhe são adequados, conforme o contexto do discurso, a situação momentânea e o registro linguístico requerido pela situação, pelo interlocutor e pelo assunto.

Em (4B), presenciamos uma questão normativista, de cunho gramatical, onde requer do estudante um bojo de conhecimentos gramaticistas que serão utilizados na resolução da questão. Sabe-se que todas essas atividades foram desenvolvidas com base no Documento Curricular do Estado do Tocantins – DCT, ou seja, o professor não pode ser julgado pelo cumprimento do seu dever, mas sim por focalizar suas metodologias apenas em quesitos gramaticais.

Em (4B) notamos o trabalho voltado a questões de classificação de ordem sintática, mas ao verificarmos a tirinha de Mafalda, notamos que a questão poderia ter sido bem mais explorada do ponto de vista da polissemia. Revela-se importante a compreensão da importância da ampliação do desenvolvimento do vocabulário, visto que ele é essencial no ato da fala e da escrita do aluno. Outro fato importante a ser mencionado é o uso do dicionário para ajudar a resolver a questão, ferramenta de suma importância para alargar o vocabulário do educando.

Gostaríamos de ressaltar que outro aliado no ensino do léxico é o roteiro de estudos produzido pelo professor, pois antes da atividade solicitada temos a exemplificação do objeto do conhecimento carregado de exemplos, pois este é um instrumento de grande importância na

difusão do conhecimento, assumindo, muitas vezes, ser o único e a principal ferramenta utilizada no contexto de Ensino Remoto.

Na maioria das atividades, verificamos abordagens rápidas, muitas vezes, mecânicas, como perguntas e respostas objetivas sem exploração de relações de sentido. Seria ideal se o enunciado trouxesse como indicativo de suporte pedagógico ao aluno o uso do dicionário para a amplitude do repertório lexical.

Segundo Kleiman (1997), um dos fatores que crucialmente contribuem para o sucesso na leitura é o conhecimento do vocabulário e nenhuma definição, por mais adequada que seja, iguala a função particularizadora do contexto. O estudo de vocabulário não deve ser tratado como item à parte, independente da compreensão do texto, como fazem os livros de português.

De acordo com Biderman (1984, p. 28), “um dicionário padrão é um instrumento para orientar os seus consulentes sobre os significados e os usos das palavras e para que eles possam expressar suas ideias e sentimentos com a maior precisão e propriedades possíveis”

Apesar do desenvolvimento ocorrido nas últimas décadas no campo da Lexicografia, observa-se que, nos roteiros de estudo verificados, o uso de dicionários não tem sido solicitado como material de apoio pedagógico nas aulas de língua portuguesa.

Ao analisar a questão do trabalho com o vocabulário/léxico na sala de aula, pôde-se constatar que praticamente inexistem métodos de ensino de vocabulário direcionados para a língua materna, uma vez que há um predomínio de estudos que versam sobre o trabalho com gramática normativa.

Constatou-se que ao não se utilizar o dicionário como estratégia para a aprendizagem de vocabulário, os prejuízos com a ampliação do repertório vocabular foram imensos, as atividades desenvolvidas não trouxeram contribuições reais para a compreensão e para a produção textual e para o aperfeiçoamento de habilidades e de competências linguístico-discursivas.

Os resultados apontaram que o trabalho sistemático e significativo com o léxico nos roteiros de estudos não contribuíra para que os alunos ampliassem o conhecimento sobre a formação de sua própria identidade linguística ao passo que tiveram um aprimoramento prejudicial em relação ao processo de escrita. Se os professores pudessem ter solicitado na questão o uso do dicionário poderíamos ter um aproveitamento fantástico acerca da homonímia.

Os dicionários são uma obra literária muito útil para desenvolver o vocabulário de uma criança, é uma coleção de palavras com significados e entradas escritas em uma linguagem que os usuários possam entender. Ajuda no desenvolvimento das habilidades expressivas e imaginativas da criança. As crianças que têm habilidades de linguagem e tendem a ter compreensão de leitura

pobre também. Isso ocorre porque eles não têm a capacidade de entender o texto com base em seu vocabulário.

As pessoas aprendem novas palavras procurando seus significados no dicionário. Eles também podem procurar palavras para frases que ouvem com frequência para aprender novas maneiras de se expressar.

Cano (1998, p. 210) se refere ao caráter didático dos dicionários ao esclarecer que “os dicionários de língua têm um objetivo pedagógico: fornecem respostas didáticas a questões, visam a cobrir totalmente a distância entre o consulente e uma norma linguística e cultural anteriormente definida”.

Os dicionários são essenciais para que os alunos aprendam a desenvolver seu vocabulário. Um dicionário é uma ferramenta útil para aprender novas palavras. Também ajuda na ortografia e na gramática. As pessoas usam dicionários de muitas maneiras diferentes, por isso é importante fornecer a elas acesso a informações precisas.

Ter um dicionário torna muito mais fácil encontrar as palavras e a gramática corretas para expressar ideias com precisão. Além disso, ter um dicionário torna muito mais fácil encontrar palavras específicas ao citar outras fontes. Cada dicionário é construído a partir do conhecimento coletivo de muitos autores. Estes definem o significado de cada palavra com a maior precisão possível. Isso permite pesquisas e definições de palavras mais precisas.

Além disso, é um rico instrumento de definições, o que pode engendrar benefícios aos usuários. Além de usar dicionários, as pessoas devem saber como usá-los corretamente. Cada dicionário tem suas próprias regras que os usuários precisam seguir ao usar o livro.

Dicionários são ferramentas essenciais para usuários de todas as idades e níveis de experiência. Eles são especialmente úteis para pessoas que desejam aprender novas palavras ou encontrar a grafia correta para palavras antigas. No entanto, precisamos de questões voltadas ao uso dessa ferramenta pedagógica indispensável ao Ensino.

4.1 A entrevista

A produção do Quadro I, II e III visa, ao mesmo tempo, explicitar o quão debatidos são os prejuízos causados aos alunos durante a pandemia e trazer à tona como esses professores percebem o processo de defasagem na aprendizagem dos alunos.

2 - Onde você estudou Ensino Fundamental: 1ª a 4ª ?
4 respostas

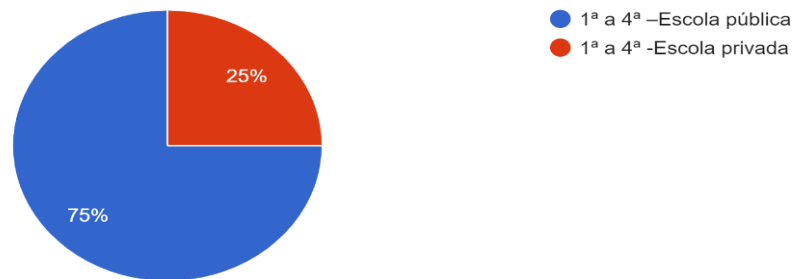


Figura 1- Entrevista com os professores do CMTO- JHC. - Fonte: Gráfico elaborado pelo autor (2022).

Aqui, percebe-se que a maioria dos professores cursaram o Ensino Fundamental I em escolas públicas, sendo 25% em escolas privadas e 75% em escolas públicas de um total de 4 professores entrevistados.

Especialização em Língua Portuguesa:
4 respostas

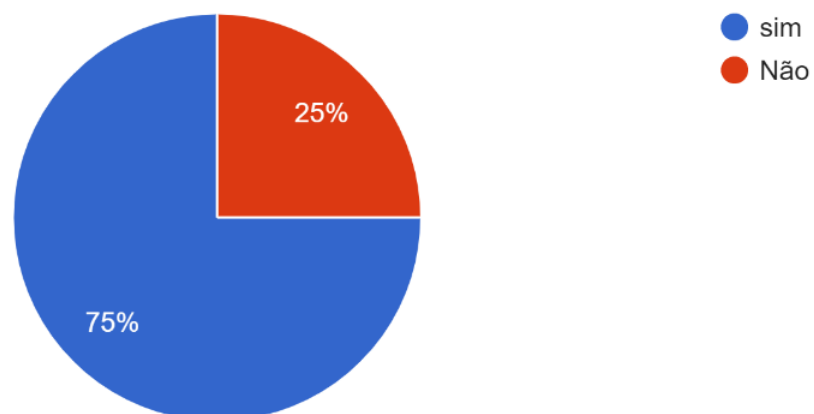
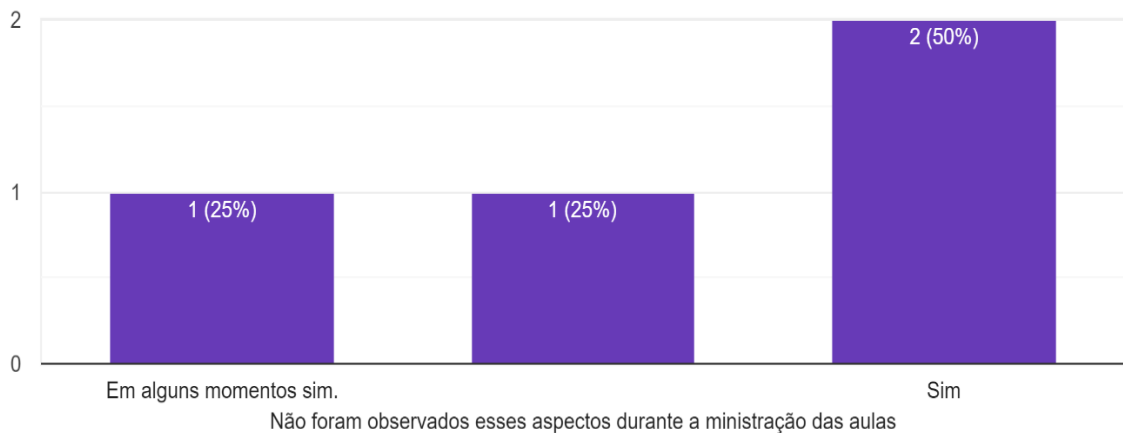


Figura 2- Nível de formação- Entrevista com os professores do CMTO- JHC.
Fonte: Gráfico elaborado pelo autor (2022).

A maioria dos professores cursaram o Ensino Fundamental II em escolas públicas, sendo 25% em escolas privadas e 75% em escolas públicas de um total de 04 professores entrevistados.

38- Você observou se alguns alunos fizeram uso de recursos tecnológicos para buscar palavras na rede (significado- ortografia)?

4 respostas



Evidencia-se que 75% dos docentes possuem especialização na área, apenas 1 docente, ainda, não possui essa titulação.

Figura 3 - Dos recursos tecnológicos- entrevista com os professores do CMTO- JHC.

Fonte: Gráfico elaborado pelo autor (2022).

No que diz respeito à forma de abordagem dos professores aos recursos tecnológicos, percebe-se que os gráficos apontam que dois professores perceberam o uso de tecnologia nas respostas dos alunos, enquanto dois docentes não verificaram essa condição. O que nos faz pensar na desigualdade educacional vivenciada no período pandêmico.

Os professores podem até partir das dificuldades e dos dilemas da educação, mas não se limitam à denúncia da existência desses problemas. Em geral, as respostas dadas colocam a realidade vivida por cada profissional.

A formação adequada é um hábito que precisa de treinamento constante. Os professores precisam ser treinados para ensinar efetivamente os alunos. A formação dada aos professores deve ser adequada. Aqui estão os fatores que devem determinar a qualidade desse treinamento:

Os programas de treinamento devem ser longos o suficiente para fornecer um treinamento completo. Por exemplo, um programa de treinamento de cinco semanas não é adequado, mas um programa de dez ou vinte semanas seria. A duração do programa dependerá de vários fatores,

incluindo o número de alunos e o assunto ensinado. Como algumas disciplinas requerem mais tempo para treinar adequadamente os professores do que outras, faz sentido ter um currículo flexível que permita cursos de diferentes durações em diferentes disciplinas.

O questionário a seguir foi aplicado em 8 de julho de 2022 com a seguinte temática: A utilização dos roteiros de estudo durante a pandemia e a adoção do modelo do Ensino remoto emergencial pela secretaria de Educação do Estado do Tocantins. O questionário foi elaborado por Dargel, em sua tese de doutorado (2011).

Abaixo são verificadas a seleta de perguntas que vão esclarecer de maneira satisfatória a solicitação por parte dos professores da utilização dos dicionários à execução das atividades contempladas nos roteiros de estudo (Quadro II).

As perguntas e respostas de número 36 e 37 revelam que não foram solicitadas atividades que pudessem envolver o uso de dicionário durante a produção dos roteiros de estudo.

Biderman (2001) declara que o dicionário é um objeto culturalmente valioso nas sociedades contemporâneas. Segundo a linguista brasileira:

O dicionário de língua faz uma descrição do vocabulário da língua em questão, buscando registrar e definir os signos lexicais que referem os conceitos elaborados e cristalizados na cultura. [...]. Exercendo funções normativas e informativas na sociedade, esse produto cultural deveria ser de uso obrigatório para todos os usuários da língua (BIDERMAN, 2001, p.17-18, grifo da autora).

Usar o dicionário de LP possibilita ao aluno a competência técnica para considerar os chamados livros de consulta. Tal consideração é uma atividade importante para todos os alunos. A falta de acesso recorrente a obras desse tipo não lhes dá o conhecimento natural ou a habilidade instintiva adquiridas pela experiência da prática. Isso pode ser superado com considerações sobre como usar os dicionários.

A partir da aquisição do conhecimento de técnicas de uso dos dicionários, comprovados pela autonomia do aluno em usá-los com eficiência, podemos passar a promover essas obras lexicográficas como complemento didático.

Segundo Nunes (2014), “[...] nosso dever, na formação dos alunos de ensino fundamental e médio, é contribuir para tornar aqueles que já falam a língua portuguesa em contextos menos controlados falantes mais proficientes” (NUNES, 2014, p. 53).

A prática docente ainda não está condizente ao que se espera do ensino do léxico; tendo, muitas vezes, o seu objeto deslocado para a Gramática e deixando de utilizar o dicionário em sua totalidade e funcionalidade, focando apenas em significação de palavras e atividades de ortografia.

Os professores não receberam formação adequada durante o contexto de ensino remoto emergencial à abordagem do vocabulário e desconhecem materiais didáticos importantes, como o PNLD Dicionários, que garante práticas inovadoras e coerentes à expansão do repositório lexical do aluno. Assim,

A formação continuada deve estar articulada com o desempenho profissional dos professores, tomando as escolas como lugares de referência. Trata-se de um objetivo que só adquire credibilidade se os programas de formação se estruturam em torno de problemas e de projetos de ação e não em torno de conteúdos acadêmicos (NÓVOA, 1991, p. 30).

Durante a adoção do modelo de Ensino Remoto Emergencial, algumas áreas de competência podem ter sido mais desafiadoras de serem abordadas de forma completa. O ensino remoto pode apresentar limitação em relação a certos domínios de competência, que geralmente são mais bem incluídos em ambientes presenciais e práticos.

A formação continuada pode se concentrar no aprimoramento das habilidades tecnológicas dos professores, como a utilização de plataformas de aprendizagem online, ferramentas digitais interativas, recursos multimídia e estratégias de ensino remoto. Isso ajuda os professores a se sentirem mais confortáveis e eficazes ao utilizarem a tecnologia como uma ferramenta educacional. Dado o cenário de ensino remoto, a formação continuada precisou ser adaptada para acontecer de forma online. É essencial fornecer aos professores acesso a plataformas de aprendizagem online, recursos digitais e ferramentas de comunicação para que possam participar ativamente da formação.

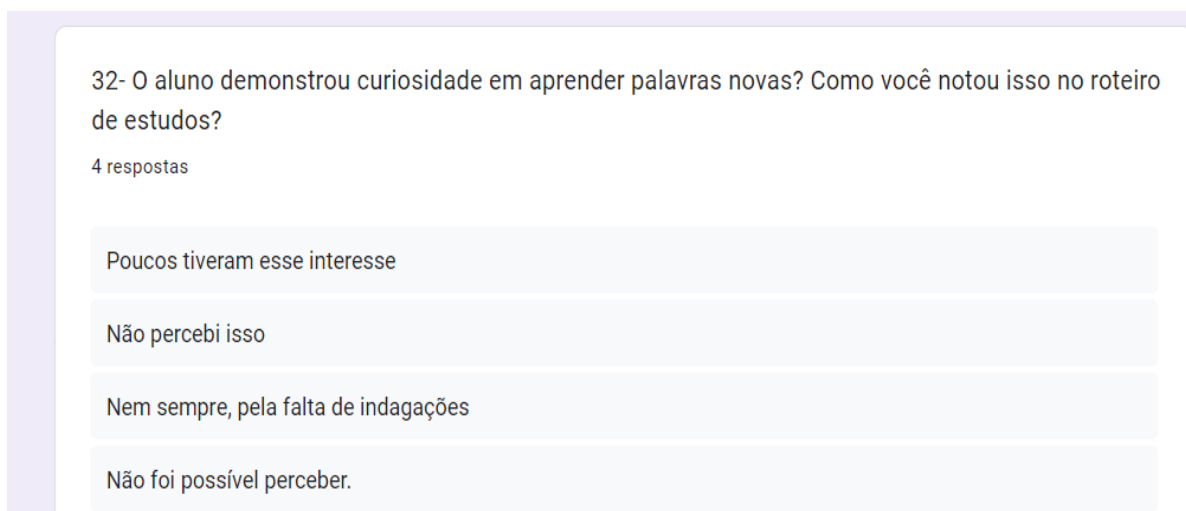
O ensino remoto emergencial muitas vezes limitava a interação direta entre professores e alunos. A falta de contato presencial dificultava a criação de um ambiente de aprendizagem participativo, onde os alunos se sentiram encorajados a participar ativamente das atividades.

Para montarmos o quadro II, foram selecionadas as respostas dadas aos professores no questionário, engendrando as seguintes situações:

Na sala de aula as crianças interagem entre si e com o professor que atua de forma explícita, interferindo no desenvolvimento do aluno, provocando avanços que não ocorreriam espontaneamente. Escola e professor são indispensáveis no processo ensino/aprendizagem.

Figura 4 – Curiosidade dos alunos para aprender novas palavras - entrevista com os

professores do CMTO- JHC.



32- O aluno demonstrou curiosidade em aprender palavras novas? Como você notou isso no roteiro de estudos?

4 respostas

- Poucos tiveram esse interesse
- Não percebi isso
- Nem sempre, pela falta de indagações
- Não foi possível perceber.

Pesquisa realizada com os professores do Colégio Militar do Estado do Tocantins- Jorge Humberto Camargo, em 25 de novembro de 2022- Google Forms.

A pergunta (32) nos faz pensar em como os docentes tiveram que se reinventar para tentar fazer com que o aluno aprendesse novos vocábulos, durante as poucas aulas online de Língua Portuguesa.

Nos roteiros de estudos, os professores se concentravam em tentar perceber se o seu objetivo fora alcançado. Ao verificarmos as respostas, temos que, infelizmente, deduzir que o objetivo não foi atingido, por vários fatores que deixaram o trabalho do professor prejudicado.

O vocabulário é uma ferramenta muito poderosa na vida de qualquer ser humano. Inclui as ideias mais complexas e fundamentais de qualquer idioma. Além disso, usar as palavras novas em textos de diferentes gêneros textuais ou literários faz os alunos a se tornarem mais bem-sucedidos na escola e na vida. Portanto, é crucial ensinar novas palavras e conceitos aos alunos na escola.

Frequentar a escola regularmente ajuda os alunos a aprenderem novas palavras e conceitos. Isso os ajuda a se tornarem indivíduos mais inteligentes e informados. Também os ajuda a desenvolver suas habilidades de escrita e fala. Além disso, ajuda-os a se tornarem pessoas bem-preparadas para o mundo. Cada um desses benefícios é transferido para a vida cotidiana e os ajuda a terem sucesso social e acadêmico.

É importante que os alunos estudem novos vocábulos. Isso os ajudará a melhorar sua fluência tanto na escrita quanto na fala e torna muito mais fácil para eles se expressarem verbalmente e escreverem o que estão dizendo.

Os professores de Língua Portuguesa seguem um plano sistemático para ensinar seus alunos. Eles usam técnicas eficazes para estudarem palavras e regras gramaticais. Os métodos de ensino se concentram em ajudar os alunos a entenderem os conceitos por meio de analogias ou mostrando frases de exemplo.

Além disso, os professores atribuem tarefas de casa que ajudam os alunos a praticarem suas habilidades linguísticas recém-aprendidas. Dessa forma, eles podem solidificar o que aprenderam e entender como aplicá-lo em cenários da vida real. Infelizmente, os prejuízos da não ocorrência da não efetivação dessas atividades deixaram um desfalque imenso no processo de Ensino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentamos os resultados desta pesquisa de mestrado, que se materializa na escrita dessa dissertação. As nossas investigações, surgiram de perguntas problemas sobre o lugar do dicionário nos roteiros de estudos de Língua Portuguesa.

Nossas discussões principiaram pelas questões de que o ensino do léxico traz numerosas explicações normativas de como a linguagem funciona, mas vimos, de acordo com Biderman (2000), sua definição, pois as ciências dos usos da linguagem nos fazem abordar mecanismos teóricos que impulsionam a novos questionamentos.

Notamos que o trabalho de desenvolvimento vocabular tornou-se bastante comprometido, devido à dificuldade, principalmente, por parte de alunos da rede pública de ensino, em deter de aparelhos digitais, ferramentas que essas que foram consideradas como pedagógicas para promoção do ensino híbrido, o problema aqui discutido, é que muitos estudantes não tiveram o acesso a essa ferramenta de estudos, afetando, assim, o processo de ensino-aprendizagem.

As repercussões desses conceitos são vastas. Neste momento, no entanto, interessa-nos apenas sublinhar que a linguagem é heterogênea e multifacetada.

Percorremos de modo breve alguns temas principais presentes nas teorias de Biderman (2000), dentre eles, o que assumiu um destaque maior foi o ensino do Léxico nas aulas de Língua Portuguesa, abordagens acerca da linguagem e em seu funcionamento em nosso processo de aquisição vocabular.

Consequentemente, podemos afirmar que uma das concepções do ensino do léxico-vocabulário de Biderman (2000) se filia no entendimento de que uma prática de ensino do significado descreve a língua nas relações com os modos semânticos, conforme apresentado.

Há de se engendrar, ainda, que as inferências das representatividades de estruturas frasais que nos são apresentadas corriqueiramente podem receber atribuições de acordo com o contexto. O que propomos, portanto, é, inicialmente a capacitação dos professores com respeito à instrumentalização dos dicionários. Isso é o que poderá tornar o mestre apto a treinar o aluno a ser eficiente em consultar o dicionário e se apropriar de todo, ou do máximo possível, de conhecimento que essa obra dispõe.

Os dicionários só se mostram uma ferramenta útil, dentro ou fora da sala de aula, se o consulente souber como usá-lo. Analisar e estudar uma obra antes de indicá-la aos alunos são atividades necessárias. Não se deve esperar grandes resultados da parte deles se o próprio professor não souber como transmitir a estrutura e funcionamento.

A perfeita compreensão de quê?, por parte dos alunos, abreviará o tempo de consulta a essa ferramenta no ensino de língua, e, acima de tudo, os instrumentalizará, durante toda a sua vida fora da escola, a usá-la sempre que necessário. (FROMM, 2003, p. 7).

Vimos que o ensino lexical pode, sim, e deve ser compreendido por estarmos vivenciando um contexto pandêmico. Portanto, o funcionamento lexical nos textos e teorias de ciências auxiliam na busca de respostas aos diversos processos de funcionamento de nossa linguagem.

Esse estudo contém marcas de uma linguagem vista por um viés interacionista, atrelado ao contexto de nossos modos de expressão.

O léxico está presente, então, em todos os processos normativos de compreensão ou interpretação da realidade, física ou cultural. O aprendizado do vocabulário faz-se, portanto, com base na audição da língua comum e na repetição oral das frases: a leitura só poderá aparecer mais tarde, bem como o aprendizado da ortografia.

O léxico do aluno dependerá, em grande parte, da capacidade de seu ambiente familiar manter discussões e diálogos, multiplicando trocas linguísticas com seu meio, onde o aluno aprende a precisar o sentido das palavras que emprega e estende a área de seu léxico.

Esta dissertação possui um caráter de pesquisa rico em informações que foram realizadas durante um contexto pandêmico global. Onde o estudo focalizado no léxico ficou em defasagem sob enfoque de recursos pedagógicos utilizados no processo de ensino e aprendizagem.

A partir deste trabalho podem surgir discussões de professores de outros estados da Federação acerca da aprendizagem dos alunos durante a adoção dessa forma de ensino e quais os prejuízos que esses estudantes poderão carregar para séries ou níveis de aprendizagem em breve.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. O território das palavras: estudo do léxico em sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

_____. Gramática contextualizada: limpando o pó das ideias simples. – 1º ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

AULETE DIGITAL – Dicionário contemporâneo da língua portuguesa: Dicionário Caldas Aulete, vs online, acessado em 25 de julho de 2023. Disponível em: <https://aulete.com.br/balan%C3%A7a>.

BASÍLIO, Margarida. Formação e classes de palavras no português do Brasil. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37.ed. revista, ampliada e atualizada conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BIDERMAN, M. T. C. **Teoria Linguística: Linguística Quantitativa e Computacional**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

BIDERMAN, M. T. C. A estrutura mental do léxico. In: BIDERMAN, M. T. C. **Estudos de filologia linguística**. São Paulo: Queiroz/Edusp, 1981. p. 131-145.

BIDERMAN, M. T. C. **O dicionário padrão da língua**. Alfa, São Paulo, v. 28, (supl.), p. 27-43, 1984.

BIDERMAN, M. T. C. A estruturação mental do léxico. In: ESTUDOS de filologia e lingüística: em homenagem a Isaac Nicolau Salum. São Paulo: T. A. Queiroz, Ed. da Universidade de São Paulo, 1981. p. 131-145. . Léxico e vocabulário fundamental. Alfa, São Paulo, v. 40, p. 27-46, 1996. . Dicionário didático de português. 2 ed. São Paulo: Ática, 1998a. . A face quantitativa da linguagem: um dicionário de frequências do português. Alfa, São Paulo, n.42, n.esp. p.161-181, 1998b. . As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUIERDO, A. N. (Orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande: Ed. UFMS, 1998c. p.11-20.

BIDERMAN, M. T. C. **Léxico e Vocabulário fundamental**. Alfa, São Paulo, v. 40, p. 27-46, 1996.

BIDERMAN, M. T. C. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 1998. p. 129-142.

BIDERMAN, M. T. C. **Conceito lingüístico de palavra**. Palavra 5, Rio de Janeiro, p. 81-97, 1999.

BIDERMAN, M. T. C. **Aurélio: sinônimo de dicionário?** Alfa, São Paulo, v. 44, p. 27- 55, 2000.

BIDERMAN, M. T. C. **Teoria Lingüística: leitura e crítica**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BIDERMAN, M. T. C. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; INQUERDO, Aparecida Negri. (Orgs.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001a. p. 13-22.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A Estrutura Mental do Léxico. In: _____. Teoria Lingüística: Lingüística quantitativa e computacional. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1981, p. 131-145. _____. O Dicionário padrão da língua. A ciência da lexicografia. ALFA: Revista de Lingüística. Universidade Estadual Paulista. São Paulo. v.28. Supl. Janeiro. 1984. _____. A face quantitativa da linguagem: um dicionário de freqüências de Português. Revista Alfa, São Paulo, v.2 (n.esp.), 1996. 275 p. _____. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In: OLIVEIRA, Ana Maria P; ISQUERDO, Aparecida NEGRI (orgs.). As ciências do Léxico. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia., 2.ed. Campo Grande MS:UFMS, 2001, 265 p.

BNCC, Base Nacional Comum Curricular - Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC>,>

BRASIL. Decreto Estadual 6.257, 14 maio de 2021. Dispõe sobre as atividades Educacionais, a jornada de trabalho, na forma que especifica, e dá outras providências. Disponível em: <<https://leisestaduais.com.br/to/decreto-n-6257-2021-tocantins-dispoe-sobre-as-atividades-educacionais-a-jornada-de-trabalho-na-forma-que-especifica-e-adota-outras-providencias>>. Acesso em: 20 de abril de 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Com Direito a Palavra**: dicionários em sala de aula. Elaborado por Egon Rangel. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica, 2012. 148 p. (PNLD 2012: Dicionários).

Documento Curricular do Tocantins – DCT, 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. PDE: Plano de Desenvolvimento da Educação: Prova Brasil: ensino fundamental: matrizes de referência, tópicos e descritores. Brasília: MEC, SEB; Inep, 2008.

CABRÉ, M. T. **La Terminología: representación y comunicación: elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos**. Girona: Documenta Universitaria, 1999.

CANÇADO, Márcia. **Propriedades semânticas e posições argumentais**. D.E.L.T.A. 2005.

CANÇADO, M. **Manual de Semântica**: noções básicas e exercícios. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

CANO, Waldenice Moreira. Estudos lexicais: diferentes abordagens. In: HIRATA-VALE, Flávia Bezerra de Menezes (Org.). **II Encontro Nacional do Grupo de Estudos de Linguagem do Centro-Oeste**: programa e resumos. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras, 1998.

COSERIU, Eugenio. **Teoría del lenguaje y lingüística general**. 3ed. Madrid: Editorial Gredos, 1989.

DARGEL, Ana Paula Tribesse Patrício. **O Ensino do Vocabulário: um estudo em turmas de 8a séries do Ensino Fundamental da Cidade de Naviraí (MS)**. 1999. 103 p. (Monografia) Dourados: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3 Curitiba: Editora Positivo, 2012, 2120 p.

FROMM, Guilherme. **Dicionários em sala de aula: como aproveitá-los bem**. Domínios da linguagem III. ISBN: 85-903532-1-4. 2003.

GARCIA, Othon M. (1986). **Comunicação em Prosa Moderna**, 13ª Edição Rio de Janeiro: FGV.

GERALDI, J.W. **Portos de Passagem**. São Paulo: Martins, 2003.

GÜNTHER, H. (2006). Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 22 (2), 201-210.

HAENSCH, G.; WOLF, L.; ETTINGER, S.; WERNER, R. **La lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica**. Madrid: Ctedos, 1982.

ILARI, R.; GERALDI, J. W. **Semântica**. São Paulo: Ática, 2000.

ILARI, Rodolfo. **Introdução à Semântica: brincando com a gramática**. São Paulo: Contexto, 2001.

ILARI, Rodolfo. O estruturalismo linguístico: alguns caminhos. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org). **Introdução a linguística**. São Paulo, SP: Cortez, 2005. 3 v. cap.2, p. 53-92.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de Leitura: teoria e prática**. São Paulo: Unicamp. 1996.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor: Aspectos Cognitivos da Leitura**. São Paulo: Pontes, 1997.

KRIEGER, M. G. Dicionário de língua: um instrumento didático pouco explorado. In: TOLDO, C.S. (org). **Questões de Linguística**. Passo Fundo: UPF Editora, 2003, p. 70-87.

KRIEGER, Maria da Graça. Dicionários para o ensino de língua materna: princípios e critérios de escolha. In: *Revista Língua e Literatura*. 2005. v.6 e 7. n. 10/11. p. 101- 112.

KRIEGER, M. da G. **Dicionários escolares e ensino de língua materna: estudos linguísticos.** São Paulo: v. 41 (1), 2012. p. 169-180. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudoslinguisticos/article/download/1224/777>. Acesso em: 10 jun. 2023.

LIMA, Renata Medeiros de. Repensando o fenômeno da sino-antonímia 1 para o ensino de língua materna. **Revista de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura.** Ano 06 n.13 – 2º semestre de 2010.

NÓVOA, Antônio. Concepções e práticas da formação continuada de professores. In: A. NÓVOA (org.) **Formação contínua de professores: realidade e perspectivas.** Aveiro: Universidade de Aveiro, 1991.

NUNES, P. A. Proficiência ou rendimento: o que a redação do vestibular avalia? In: REBELLO, L. S.; FLORES, V. D. N. (org.) **O Texto de Vestibular em Perspectiva.** COPERSE/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2014, p. 53-67.

NUNES, José Horta. Lexicologia e Lexicografia. In.: GUIMARÃES, E. e ZOPPIFONTANA, M. (Orgs.) **Introdução às Ciências da Linguagem: a palavra e a frase.** Campinas, SP: Pontes, 2006, p. 147-172.

PERRENOUD, P. **Dez novas competências para ensinar.** Artmed, 2000.

PEIRCE, Charles Sanders. *The essential Peirce: selected philosophical works.* Bloomington: Indiana University Press, 1992b.

RANGEL, Egon de Oliveira. Dicionários escolares e políticas públicas em educação: a relevância da “proposta lexicográfica”. In: CARVALHO, Orlene Lúcia de Saboia; BAGNO, Marcos (orgs.). **Dicionários escolares: políticas, formas e usos.** São Paulo: Parábola, 2011.

RANGEL, I. C. A.; NETO, L. S.; DARIDO, S. C.; GASPARI, T. C.; GALVÃO, Z. O ensino reflexivo como perspectiva metodológica. In: DARIDO, S. C.; RANGEL, I. (Org.). **Educação física na escola.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. (Coleção Educação Física no Ensino Superior).

SAPIR, Edward. **Linguística como ciência.** Rio de Janeiro: Ed. Acadêmica, 1969.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral.* Trad. De Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1995.

SÃO PAULO: Companhia Melhoramentos, 1998-(Dicionários Michaelis). 2259p. MIRANDA, Maria Izabel Barrozo; RIBAS, Viviane Gaspar. *Design de Moda e Desenvolvimento Sustentável,* Coleção Mãe da Mata. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/balan%C3%A7a/>. Acesso em 09/06/2023.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de linguística geral.* Trad. de Antônio Chelini et al. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1970. Pref. à ed. bras. de Isaac Nicolau Salum.

SILVA, Erly Rosa et al. Terminologia como ciência fundamental à sociedade moderna. **Revista Ícone,** v. 8, n. 1, 2011.

SOUZA BEZERRA, Zilclea Costa; LIMA, Edmar Peixoto. Aspectos Conceituais Sobre a Definição Terminológica. **Epitaya E-books**, v. 1, n. 23, p. 242-249, 2022.

SUASSUNA, Livia. Ensaio de Pedagogia da Língua Portuguesa. Recife: Editora UFPE, 2009. _____ . Ensino de Análise Linguística – situando a discussão. In: Alexandro Silva, Ana Cláudia Pessoa e Ana Lima. (orgs.). Ensino de Gramática – reflexões sobre a língua portuguesa na escola. Belo Horizonte: Autêntica, 2012, p. 11-28.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos (2003). “Verbos gramaticais – Verbos em processo de gramaticalização” in FIGUEIREDO, Célia Assunção; MARTINS, Evandro Silva, TRAVAGLIA, Luiz Carlos e MORAES FILHO, Waldenor Barros. (orgs.). **Língua(gem): reflexões e perspectivas**. Uberlândia: EDUFU, 2003: 97-157.

ULLMANN, S. 1964. **Semântica: uma introdução à ciência do significado**. Tradução de J. A. Osório Mateus. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

VILELA, Mario. **Léxico e gramática**. Coimbra: Almedina, 1995.

VILELA, M. **Estudos de Lexicologia do Português**. Coimbra: Livraria Almedina, 1994.

WELKER, Herbert Andreas. **Dicionários** – uma pequena introdução à lexicografia / Herbert Andreas Welker. – 2. ed. revista e ampliada – Brasília: Thesaurus, 2004. 299p.

WELKER, H. A. **Panorama geral da Lexicografia Pedagógica**. Brasília: Thesaurus, 2008.

WEISGERBER, Leo (2017). O problema da forma interna da língua e a sua significância para a língua alemã (trad. Bernhard Sylla). In Bernhard Sylla (coord.). **Filosofia da Linguagem: uma Antologia** (pp. 143-160). V. N.